

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

A CRIATIVIDADE SOB A ÓTICA DO

PROCESSO COMPORTAMENTAL

MONICA JUSTINO SENS

FLORIANÓPOLIS - SC

1998

MONICA JUSTINO SENS

A CRIATIVIDADE SOB A ÓTICA DO
PROCESSO COMPORTAMENTAL



O. 288 . 723-1



Dissertação apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Engenharia de Produção, com concentração na área de Qualidade e produtividade.

UFSC-BU

Florianópolis - SC
1998

MONICA JUSTINO SENS

A CRIATIVIDADE SOB A ÓTICA DO PROCESSO COMPORTAMENTAL

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre, Especialidade em Engenharia de Produção, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção.



Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D.

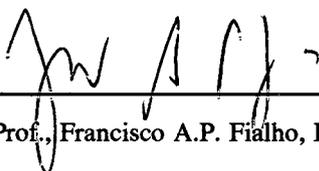
Coordenador

Banca Examinadora:



Prof., Álvaro G. R. Lezana, Dr.

Orientador



Prof., Francisco A.P. Fialho, Dr.



Prof., Bruno H. Kopittke, Dr.

*Com carinho ao meu filho Guilherme,
pelo amor e compreensão.*

AGRADECIMENTOS

A Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio financeiro.

Em especial ao professor, Ricardo Miranda Barcia por conceder a oportunidade de realizar o mestrado, assim como, pela atenção, confiança e apoio sempre prestados ao longo deste estudo.

Ao meu orientador, professor Álvaro Guillermo Rojas Lezana, pela disponibilidade, atenção, incentivo e orientação, afim de tornar real este sonho.

Ao professor Paulo Maurício Selig pelo apoio e atenção concedidos nestes anos de mestrado.

Aos professores Francisco Fialho e Bruno H. Kopittke pela participação nesta banca.

Aos professores José Carlos Zanelli, Sílvio Serafim da Luz Filho, Narbal Silva e Suzana da Rosa Tolfo, pelo apoio e incentivo à realização deste mestrado.

Aos funcionários da coordenadoria de Pós-Graduação de Engenharia de Produção e Sistemas pela paciência e atenção.

Aos amigos de mestrado, Miguel Heriberto Caro Nauri e Luiz A. Casas, e aos colegas do Laboratório de Inteligência Artificial (LIA) pela amizade e pela ajuda que sempre me deram para navegar pela internet e utilizar corretamente os computadores.

Á minha terapeuta, Maria Tereza pela ajuda, apoio e incentivo.

Aos psicólogos Leandro Augusto e Alessandra Tonelli pela amizade, ajuda e troca de conhecimentos que muito enriqueceram este trabalho.

As amigas Luciana Bossle, Rosana Santos, Carla Seixas, Ruth Roque, Shirley Vieira, Tânia Simoni e Naíra Tomiello pela grande amizade, apoio e incentivo. De forma especial à Ruth Roque por me colocar perante a este desafio.

A minha mãe Cacilda, meu irmão Mauricio e minha cunhada Ione pela compreensão, carinho, incentivo e por estarem sempre presentes.

Ao meu marido Maurício Sens, pelo incentivo e pela constante lembrança da importância de finalizar este estudo.

Ao meu cunhado Márcio Sens pelos reparos elétricos e pela sua criatividade.

Um grande agradecimento à todos que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste estudo.

SUMÁRIO

Resumo	ix
Abstract	x
Lista de figuras	xi
Lista de tabelas	xii
Capítulo 1 - Introdução	01
1.1. Introdução	01
1.2. Objetivos	03
1.3. Metodologia	04
1.4. Estrutura do trabalho	04
1.5. Limitações	05
Capítulo 2 - O processo comportamental	06
2.1. Introdução	06
2.2. Os grandes movimentos da história da psicologia que embasaram o estudo do comportamento	08
2.2.1. O Estruturalismo	08
2.2.2. O Funcionalismo	09
2.2.3. O Behaviorismo	10
2.2.4. A Gestalt	14
2.2.5. A Psicanálise	16
2.2.6. A Psicologia Humanista	20
2.3. Definição.....	25
2.3.1. Processo comportamental - uma proposta de compreensão	27
Capítulo 3 - Criatividade	31
3.1. Introdução	31
3.2. Termos associativos	33
3.2.1. Inovação	33
3.2.2. Inteligência	34
3.2.3. Originalidade	35

3.2.4. Intuição	36
3.3. A compreensão da criatividade pelas diferentes escolas psicológicas	37
3.3.1. A criatividade segundo o behaviorismo	37
3.3.2. A criatividade segundo a Teoria da Gestalt	38
3.3.3. A criatividade segundo a psicanálise	39
3.3.4. A criatividade segundo a psicologia humanista	40
3.3.5. A criatividade segundo o psicodrama	43
3.4. A pessoa criativa	45
3.5. As etapas que resultam na criatividade	46
3.6. As dificuldades encontradas no processo criativo	51
3.7. Definição	54
Capítulo 4 - O Processo criativo	57
4.1. Introdução	57
4.2. Como ocorre o processo criativo	58
4.3. Fases do processo	60
4.4. Compreendendo o processo criativo a partir do modelo comportamental	61
Capítulo 5 - Indicações para elaboração de Programas de treinamento ..	66
5.1. Introdução	66
5.2. Como estimular a criatividade	66
Capítulo 6 - Conclusões e Recomendações	73
6.1. Conclusões	73
6.2. Recomendações	74
Referências Bibliográficas	76

RESUMO

A presente dissertação descreve um estudo sobre criatividade com base num modelo comportamental. Procurou-se entender este tema com a finalidade de esboçar procedimentos para programas de treinamento. Assim, num primeiro momento, fez-se uma revisão das definições de comportamento, onde este foi definido como o resultado de uma sequência de etapas. Observou-se que fatores como conhecimento, habilidades, necessidades e valores são determinantes na formação do comportamento. Deste modo, visando explicar cada etapa do processo comportamental, apresentou-se um modelo destinado a este fim. Em seguida, buscou-se entender a criatividade e o processo criativo, procurando explicar este último com base nas etapas do modelo comportamental apresentado. Notou-se que o ambiente e a própria personalidade da pessoa são essenciais para expressão da criatividade. Por fim, com o conhecimento adquirido neste estudo fez-se algumas indicações para o treinamento de profissionais visando estimular e desenvolver o comportamento criativo. Este trabalho permite concluir que a criatividade assim como o comportamento pode ser estimulada e que o grande valor da criação está em superar-se a si mesmo.

ABSTRACT

The present work describes a study about creativity based in a behaviour model. In order to understand this subject with a purpose to project proceedings for a programme training. Thus, the first moment, to establish a revision from behaviour definitions, where this was defined as a result of sequence stages. To be observe that factors as knowledge, ability, necessity and values are determinant in a behaviour forming. In this way, seeking to explain each stage of the behaviour process, to introduce a model destined by this end. Following, to be looked for understand a creativity and the process creatif, searching to explain this last by the stages of the behaviour model showed. To be note that the environment and the own individual personality are essential for creativity expression. At last, with the knowledge acquired in this study to be make some indications for the professionals training seeking to stimulate and develop the creative behaviour. This work concludes that creativity as well as the behaviour may be stimulated and the big value of the creation is in to be overcome itself.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O processo comportamental	28
Figura 2 - Os bloqueadores	51
Figura 3 - Correlação do modelo comportamental com o processo criativo	63
Figura 4 - Elementos que influenciam na criação	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Modelo Comportamental e processo criativo	61
Tabela 2 - Ficha pedagógica	70
Tabela 3 - Ficha pedagógica com proposta para treinamento de criatividade	71

Capítulo 1: INTRODUÇÃO

1.1. Introdução

Desde o período pós-guerra muitas foram as transformações que ocorreram no mercado produtivo mundial. Várias foram as "novas" formas de gestões empresariais. Entretanto, observou-se que muito do feito anteriormente não correspondia mais com as atuais perspectivas do mercado moderno.

Novas filosofias empresariais foram introduzidas. Advindas do sistema produtivo japonês, elas chegam ao mundo ocidental adaptando-se aos mais diversos meios produtivos, provocando assim profundas e rápidas mudanças no contexto organizacional.

Estas transformações enfatizam a competição empresarial a todo vapor, as quais apoiadas na nova visão capitalista inovam colocando "o cliente" como a pessoa mais importante do atual mercado de consumo.

Deste modo então, desperta-se o interesse para determinados assuntos que até então não haviam sido abordados.

A Qualidade torna-se um tema primordial e passa a fazer parte dos objetivos principais da empresa. Criam-se os programas de Qualidade, onde encontra-se "Qualidade" associada à diversas temáticas da vida empresarial.

Deste modo, observa-se, que a Qualidade leva a empresa a procurar soluções para o mercado moderno. Visando a satisfação das pessoas, tanto a nível empresarial como a nível pessoal, satisfazendo as necessidades do cliente interno e externo.

A Qualidade, une-se à outras temáticas que visam qualificar ainda mais a elaboração de novos produtos e/ou processos, buscando com isso aprimorar a competitividade empresarial. Entre outras temáticas, coloca-se em evidência, a Criatividade.

O termo "Criatividade" que durante muitos anos foi abafado pelo "todo poderoso" conceito de inteligência, consegue aos poucos mostrar sua importância.

Mas, é pela emergência do momento atual que este tema apresenta sua importância, necessitando assim de uma melhor compreensão. As exigências do fim do milênio, fazem da criatividade um assunto de grande valor, buscando através do ser humano encontrar soluções criativas para os mais diversos problemas enfrentados no mundo.

Há apenas dois anos do tão esperado ano dois mil, considerado até pouco como era futurista, necessita-se de novos comportamentos e atitudes que atendam rapidamente as demandas permanentes de inovação no mercado. Para tanto é com criatividade que deseja-se alcançar estas demandas e sobretudo acompanhar as rápidas mudanças do cenário mundial.

Entretanto, a definição de criatividade é bastante relativa, assim como a de qualidade, pois normalmente compara-se "o criativo" com algo já existente. Criar depende essencialmente de fatores pessoais e ambientais.

A criatividade, segundo Maslow, "necessita não apenas de iluminação e de inspiração; ela necessita também de muito trabalho, treino prolongado, atitude criativa, padrões perfeccionistas", (in Alencar, 1993).

Tal definição coloca em evidência não apenas o processo de insight, mas também o trabalho, o treino como importantes no processo de criação, ou seja, o conhecimento, os traços de personalidade e os fatores cognitivos unindo-se para formação de "algo novo".

A Qualidade ao associar-se com a Criatividade busca uma melhoria das habilidades do ser humano em lidar com fatos novos, com mudanças, e adaptações à nova era. Busca também uma expansão da empresa, no sentido de diversificação de produtos (e/ou técnicas de produção) pretendendo sempre melhorar a qualidade de seus produtos e serviços. E de um modo mais amplo, chegar a um compromisso de Qualidade Total (TQC).

Contudo, observa-se que as organizações necessitam de auxílio para lidar com as demandas do mercado, com as transformações, com os novos modelos administrativos e conseqüentemente com o lado humano, para tanto utiliza-se a criatividade.

Porém, neste contexto, sentiu-se a necessidade de um modelo que possa explicar o comportamento criativo de forma simples afim de que este venha a ser utilizado na elaboração de instrumentos para treinamento de profissionais visando a criatividade.

1.2. Objetivos

A criatividade pode estar relacionada com vários temas de estudo. A dimensão que o termo criatividade abrange, permite relacioná-la ao contexto organizacional, fazendo desta instrumento significativo nos programas de treinamento de profissionais e conseqüentemente nos atuais programas de qualidade.

Sendo assim, diversas indagações referentes à criatividade aparecem necessitando de um estudo que possa clarear as sutilezas deste tema tão complexo.

Para tanto, tomou-se como **objetivo geral** deste trabalho entender a criatividade para elaborar ferramentas. Como **objetivo específico** sentiu-se a necessidade de complementar este estudo esboçando um procedimento para elaboração de programas de capacitação de profissionais para criatividade.

Com esta finalidade então, procurou-se estudar a criatividade com base no processo comportamental. Num primeiro momento estudar o processo comportamental, definir criatividade e definir os fatores que influenciam o processo criativo, e finalmente sugerir o esboço de um programa de treinamento.

Nota-se que a criatividade pode estar presente em dois planos distintos no que se refere ao treinamento de profissionais. Primeiramente, pode ser utilizada para estimular profissionais à criação, elaboração de novos produtos para o mercado de consumo. Agindo sobre as necessidades de auto-realização e auto-valorização que cada profissional busca encontrar com seu trabalho. Visando com isto atender as necessidades do profissional, do cliente e da empresa.

Por outro lado, a criatividade pode estar presente no ambiente organizacional, com o objetivo de oferecer um clima mais direcionado ao processo de criação, buscando eventos que favoreçam o seu uso.

Pretende-se com este estudo ampliar os conhecimentos sobre criatividade. Esperando com isto contribuir para um melhor desempenho do processo de criação nas organizações.

1.3. Metodologia

O procedimento utilizado para realização deste estudo, iniciou-se com um embasamento teórico a respeito do processo comportamental. Procurando primeiramente compreender a evolução do estudo do comportamento através dos grandes movimentos da história da psicologia. E por fim, apresentando um modelo capaz de explicar o processo comportamental.

Em seguida o mesmo procedimento foi realizado, a fim de compreender e definir o termo criatividade, apresentando os fatores que se fazem presente no processo criativo.

No terceiro momento procurou-se fazer uma análise do processo criativo utilizando para tal, o modelo comportamental proposto anteriormente.

E finalmente, com base nas etapas anteriores, o estudo do processo criativo deu subsídios para possibilitar a realização de um programa para treinamento de profissionais a fim de estimular a criatividade.

1.4. Estrutura do trabalho

Com o objetivo de se fazer uma boa análise do tema criatividade, buscou-se dividir este trabalho em seis capítulos, que serão apresentados a seguir:

Capítulo 1 - Capítulo introdutório visando colocar tema de estudo, seus objetivos e suas justificativas.

Capítulo 2 - Neste capítulo procurou-se fazer uma revisão literária a respeito do processo comportamental, sob a ótica dos grandes movimentos da história da psicologia e num segundo momento apresentar uma proposta de compreensão do processo comportamental, utilizando para isto um modelo comportamental.

Capítulo 3 - Buscou-se neste capítulo definir o termo criatividade, passando pelos diferentes termos que normalmente acompanham sua definição, compreendendo o enfoque de cada escola psicológica, os traços das pessoas criativas, as fases que embasam a criatividade e finalmente compreendendo o que dificulta a criatividade.

Capítulo 4 - Este capítulo direcionou-se a análise do processo criativo baseando-se no modelo comportamental apresentado no capítulo dois.

Capítulo 5 - Neste algumas sugestões foram apresentadas para o treinamento de profissionais para criatividade.

Capítulo 6 - Para finalizar o estudo em questão apresentou-se aqui as principais conclusões e recomendações deste trabalho.

1.5. Limitações

O presente estudo pela amplitude de seu tema apresenta algumas limitações. Dentre estas limitações remarca-se as seguintes:

Neste trabalho não se discute a formação das características comportamentais que levam à criatividade. Um aprofundamento neste assunto pode certamente acrescentar uma melhor compreensão ao estudo da criatividade.

Uma outra limitação apresentada por este trabalho é o fato de não se elaborar novas ferramentas para o desenvolvimento da criatividade. Ao estudar este tema percebe-se que a criatividade pode estar presente em diversos programas do ambiente organizacional, e sendo assim, percebe-se como importante a elaboração de ferramentas que possam auxiliar no desenvolvimento da criatividade.

Outro ponto fundamental que deve ser considerado é que neste estudo não se faz diferença entre a criatividade interna e externa. Trabalha-se a questão subjetiva da criatividade, mas não se apresenta diferenças que possam caracterizar uma e outra.

Capítulo 2: O PROCESSO COMPORTAMENTAL

2.1. Introdução

Ao pensar em definir o processo comportamental, ou apenas o que chama-se de comportamento e/ou conduta humano, deve-se antes de qualquer definição rever o que na realidade é a própria psicologia, pois é esta a ciência que se destina a tal função - estudar, analisar, definir, avaliar, medir, predizer, descrever, explicar e compreender o comportamento humano, fundamentando-se em modelos destinados a este fim. Lembrando ainda, que os animais também são objetos de estudo da psicologia, e podem ser observados tanto no seu meio natural como em laboratórios.

Etimologicamente falando, o termo psicologia deriva do grego: *psykê* = alma, mente e *logos* = estudo, representando desta forma o estudo da alma, que durante o século XVI correspondia a um ramo da filosofia. Por volta de 1732 - 34, o termo é usado para marcar o estudo da alma, mente e comportamento, que de certo modo fica conhecido como psicologia reflexiva dos filósofos. Em 1879, Wilhem Wundt funda em Leipzig o primeiro laboratório de psicologia experimental, e a partir desta data a psicologia se fundamenta como ciência.

Para Wundt o objeto da psicologia era a consciência, em especial as experiências sensoriais, suas combinações e relações com o sistema nervoso. Mais tarde com os funcionalistas, a psicologia vai se voltar mais para o estudo das funções mentais e do comportamento adaptativo. Já com o behaviorismo de Watson ela passa a estudar o comportamento. Entretanto, explicar o comportamento pelas relações estímulo - resposta não parecia ser suficiente, visto que dois aspectos essenciais, como a organização e a finalidade de uma determinada conduta, pareciam importante para uma compreensão mais ampla do comportamento.

Neste contexto, onde o comportamento é explicado pelas relações estímulo-resposta, aparece a psicologia da gestalt, enfatizando os processos cognitivos e tentando a partir destes explicar o comportamento humano.

Dando continuidade aos estudos do comportamento humano, fundamenta-se a psicanálise, em oposição ao behaviorismo. Ela pretende dar ênfase ao inconsciente,

explicando as condutas não conscientes do indivíduo, ressaltando ainda que as atividades realizadas pelas pessoas, por mais simples que sejam, podem ter um significado que ainda não conseguimos explicar.

Como descreve Reuchlin (1988), o psicólogo tem por interesse descrever e explicar as condutas dos organismos, usando métodos capazes de satisfazer, sempre que possível, aos critérios gerais dos métodos científicos. Assim, as explicações de uma determinada conduta precisam aos olhos dos psicólogos e da própria psicologia enquanto ciência, da possibilidade de verificação. Tal verificação, ou ainda ao que chamamos de controle, necessita de um certo critério que permita entre os próprios psicólogos estar de acordo sobre a presença, ausência, frequência de um dado comportamento.

O mesmo autor exemplifica esta idéia, com um questionamento - como os psicólogos podiam estar de acordo ou não sobre as origens da agressividade apresentada por uma criança, sem antes entrar em acordo que uma criança em uma determinada circunstância havia manifestado ou não agressividade. Primeiramente, é importante definir o que é um determinado comportamento, para em seguida definir e delimitar as origens desse mesmo comportamento.

De acordo com esta perspectiva, antes de afirmar que uma pessoa apresenta ou não comportamento criativo, é preciso ter claro e bem definido os critérios que definem tal comportamento, e a partir daí estudar e avaliar sua origem e seu processo.

Henri Piéron (1996) define o comportamento, no dicionário de psicologia, como a maneira de ser e de agir dos animais e seres humanos, as manifestações objetivas de sua atividade global.

O comportamento humano como objeto de estudo da psicologia é enfocado de diversas maneiras de acordo com o modelo teórico que embasa a análise deste processo. Sendo assim, neste capítulo apresentam-se alguns modelos teóricos que possam auxiliar na compreensão do processo comportamental ou simplesmente do comportamento humano.

2.2. Os grandes movimentos da história da psicologia que embasaram o estudo do comportamento.

Sabe-se que na formação da psicologia, muitas foram as escolas que fundamentaram e influenciaram o desenvolvimento desta disciplina. Por esta razão, no presente capítulo serão apresentadas as escolas que mais se destacaram na formação da psicologia, e sobretudo no estudo do comportamento. Dentre estas escolas encontram-se o Estruturalismo, o Funcionalismo, o Behaviorismo, a Gestalt, a Psicanálise e a Humanista.

2.2.1. O Estruturalismo

Este movimento foi iniciado por Wilhem Wundt na Alemanha. Neste período a psicologia ainda não era considerada ciência e fazia parte da filosofia. Entretanto, o desejo de Wundt era ver a psicologia como ciência, com identidade própria. Em busca de seu sonho, Wundt funda em 1879, o primeiro laboratório de psicologia experimental em Leipzig, na Alemanha.

Nesta época, a principal finalidade da psicologia era estudar a mente humana, os processos elementares da consciência, suas combinações e relações. Até então, não existiam preocupações com o estudo do comportamento.

O objeto de estudo da psicologia era a experiência imediata, ou seja, aquilo que o indivíduo percebe em si num momento preciso. Para tanto, deveria utilizar como método experimental a introspecção analítica, que controlava o conteúdo proveniente da consciência, em condições experimentais (Marx e Hillix, 1995).

Na concepção de Wundt a mente e o corpo eram separados, não havendo possibilidade de comunicação entre eles, o que de certa forma facilitava o direcionamento de seus estudos sobre a consciência. Para ele os problemas apresentados pela psicologia experimental eram: a análise dos processos conscientes em seus elementos, descobrir a correlação destes elementos e determinar as leis destas correlações.

Wundt foi bastante criticado pela falta de clareza nas explicações de seus experimentos, foi acusado de considerar os conteúdos da consciência como elementos estáticos e estruturais. Mesmo assim, teve vários seguidores e dentre eles destaca-se Edward Bradford Titchener. Este, difundiu as idéias de Wundt e consolidou o movimento estruturalista nos Estados Unidos.

O movimento estruturalista defendia então as idéias que “os psicólogos deveriam estudar a consciência humana, especialmente as experiências sensoriais; deveriam servir-se de trabalhosos estudos introspectivos analíticos de laboratório e finalmente analisar os processos mentais em seus elementos, descobrir suas combinações e conexões e localizar no sistema nervoso as estruturas a eles relacionadas” (Davidoff, 1983 p.11).

Assim como seu precursor, o movimento estruturalista também recebeu suas críticas. O que mais incomodava na época era o método de estudo utilizado por eles, a introspecção. Uma outra falha deste movimento foi excluir de seus estudos as crianças e os animais. Para Titchener a observação do comportamento destes era válida porém ele não aceitava o resultado como sendo psicológico. Outra grande crítica deu-se pela não aceitação de fenômenos complexos como pensamento, linguagem e outros para estudo introspectivo, o que segundo eles estaria fora da ciência. Posicionavam-se contra qualquer assunto prático.

2.2.2. O Funcionalismo

Em oposição ao artificialismo e limitações do estruturalismo William James funda a psicologia da consciência. Considerado um dos maiores psicólogos americanos, ele dá oportunidade de consolidar a primeira psicologia inteiramente americana. As correntes existentes até aquele momento, tinham sempre um antecedente europeu.

Este movimento leva o nome de funcionalismo por tentar responder de forma exata e sistemática a todos os questionamentos. O funcionalismo tem interesse na função do comportamento e da consciência do organismo e na sua adaptação ao meio.

O principal interesse do funcionalismo era de colocar em evidência o conhecimento e a aplicação, utilizando para isto métodos de pesquisa baseados na introspecção informal (auto-observação e auto-relato) e métodos objetivos (livres de deformações - experimentações, por exemplo). O funcionalismo buscava explicar o

funcionamento dos processos mentais e principalmente compreender como a consciência era capaz de ajudar as pessoas a sobreviver e adaptar-se ao meio ambiente.

Os psicólogos funcionalistas também tinham o interesse em estudar o comportamento das crianças e dos animais simples, a anormalidade e as diferenças individuais entre as pessoas.

A forma de perceber a consciência na visão de William James, foi o que realmente marcou o movimento e sua diferença com as idéias do estruturalismo. Para James a consciência é pessoal e única, cada indivíduo possui uma e a constitui com suas experiências; ela é também mutável, se transformando com o tempo, percebendo que uma coisa nunca é vista sempre da mesma maneira pela consciência, fazendo com que ela venha evoluir com o tempo. Para ele o pensamento que existe na consciência é contínuo, dado que ele segue sempre os eventos sem ter a necessidade de estar sempre lembrando à consciência dos fatos anteriores. Ainda na sua teoria da consciência, James enfatiza a questão da escolha, para ele a consciência é seletiva, pois tem a possibilidade de escolha dos estímulos.

Na visão de James, o processo seletivo da consciência passa por dois determinantes básicos: a atenção e os hábitos. Neste primeiro determinante entra apenas na consciência aquilo que foi capaz de prender a atenção, aquilo que o sujeito se propôs a dar atenção. O outro determinante, os hábitos, estão relacionados com as ações ou pensamentos e aparecem quase como respostas automáticas a uma certa experiência.

A psicologia de James acreditava fortemente que o ser humano era capaz de evoluir, de ter um crescimento pessoal, e sobretudo ser capaz de modificar um comportamento ou atitude.

Resumidamente, pode-se dizer que para o funcionalismo, o comportamento era constituído por uma formação de hábitos e também pelas experiências absorvidas pela consciência.

2.2.3. O Behaviorismo

Ao falar em behaviorismo têm-se logo em mente o tão conhecido psicólogo Skinner, que desenvolveu vários estudos sobre o comportamento e aprendizagem. Entretanto, é importante lembrar que o behaviorismo iniciou-se muito antes de Skinner.

Considera-se que os primeiros estudos sobre o comportamento remontam às teorias da evolução e as pesquisas de Darwin, onde os estudos com animais serviam de

base para compreensão do comportamento humano. Mas, foi com Jonh B. Watson (1878-1958) que nasceu o behaviorismo, e com ele ganhou força e provocou uma grande revolução na psicologia norte-americana, que até então era funcionalista e estruturalista.

A corrente estruturalista e funcionalista era fortemente criticada por Watson por tentar testar e reproduzir todos os fatos da consciência através de observadores treinados. Segundo ele, esta situação era impossível pois dependia de cada pessoa, das suas impressões e das suas próprias maneiras de ver, sentir e reagir para que isto possa acontecer.

Watson observou que a introspecção, a auto-observação dos funcionalista podia se manter como um obstáculo ao fortalecimento desta nova abordagem. Por esta razão, ele procura convencer os psicólogos da época a estudar o comportamento observável e adotar métodos objetivos. Desta forma então, nasce em 1912 o behaviorismo, que de acordo com os ideais de Watson, se destina a prever e controlar o comportamento. Watson é considerado o primeiro psicólogo behaviorista.

Contudo, esse movimento ganha vários adeptos e seus seguidores aceitam as seguintes proposições apresentadas em Davidoff, 1983 p.12:

1. Dar ênfase aos eventos ambientais (estímulos) e o comportamento observável (respostas).
2. A experiência é uma influência mais importante no comportamento, nas aptidões e nos traços do que a hereditariedade.
3. Abandonar a introspecção em favor dos métodos objetivos.
4. Os psicólogos devem visar à descrição, explicação, predição e controle do comportamento. Devem também empreender tarefas práticas, tais como aconselhamento de pais, educadores...
5. Estudar o comportamento dos organismos simples de modo que estes sirvam de base par o estudo do comportamento dos organismos complexos.

Estes pressupostos formavam a base da psicologia behaviorista, que se estabeleceu nos Estados Unidos durante praticamente trinta anos. Aos poucos essa visão foi se transformando e adaptando-se ao mundo moderno.

Outro cientista famoso que muito contibuiu para aprofundar o estudo do comportamento humano foi o russo Ivan Pavlov. Em 1927, ele realiza pesquisas com animais, onde descobre que funções autônomas, como a salivação por exemplo, podem ser condicionadas. A partir destes estudos, fica claro para os behavioristas, que o comportamento podia não somente ser observado e previsto, mas também, provocado ou, em outra linguagem, controlado.

Tal fato motivou fortemente Skinner, behaviorista contemporâneo, que se interessava em controlar o comportamento e não apenas provocá-lo. A partir dessa descoberta, Skinner sente a possibilidade de controlar com eficácia as diferenças

individuais e de descobrir leis de comportamento. O que segundo ele “poderia elevar a psicologia de ciência probabilística para ciência exata” (Fadiman e Frager, 1986 p.192).

Skinner foi verdadeiramente o grande difusor das idéias behavioristas, ele direciona seus trabalhos para o estudo dos comportamentos observáveis das pessoas e dos animais. Sua grande preocupação era de poder comprovar tudo cientificamente. Apesar de behaviorista radical, ele não aceita facilmente todas as idéias do seu precursor Watson, que tinha tendência a generalizar seus resultados e negar a influência das características genéticas no comportamento. Teve grande participação na área da educação, com seu ensino programado. Foi considerado um teórico da aprendizagem.

Para Skinner, o comportamento, pela sua complexidade, pode ser considerado como uma disciplina científica. No seu livro *Ciência e Comportamento Humano* ele define o comportamento como:

“ O comportamento é uma matéria difícil, não porque seja inacessível, mas porque é extremamente complexo. Desde que é um processo, e não uma coisa, não pode ser facilmente imobilizado para observação. É mutável, fluido e evanescente, e, por esta razão, faz grandes exigências técnicas de engenhosidade e energia do cientista. Contudo, não há nada essencialmente insolúvel nos problemas que surgem deste fato”(SKINNER, 1970, p.17).

Nesta definição, nota-se que Skinner considera o comportamento como um processo extremamente complexo de ser estudado, talvez pela grande variação e mudança que pode ocorrer durante a própria observação, necessitando assim de muita disciplina do pesquisador para realizar o estudo em questão.

Para este autor uma análise do comportamento deve iniciar-se pelo isolamento das partes simples de um evento complexo, em outras palavras, pode-se dizer que é um tipo de decomposição das partes que formam um determinado comportamento, fazendo com que este seja melhor compreendido. Na visão de Skinner somente o comportamento pode ser estudado, isto porque, ele é possível de descrição, ou seja, possível de ser mensurável, observável e perceptível.

Outros dois conceitos importantes na obra de Skinner que influenciam no comportamento é o de condicionamento e reforçamento. Segundo o autor existem dois tipos de comportamento, o respondente e o operante. O comportamento respondente é comportamento reflexo, isto significa, uma resposta pronta do organismo. Encontramos neste tipo de comportamento o condicionamento respondente, onde o organismo reage imediatamente de forma automatizada ao estímulo que lhe foi apresentado. Esse tipo de comportamento é facilmente aprendido e manifestado, seu condicionamento é anterior as respostas do organismo, o que facilita seu condicionamento. Na forma operante o condicionamento ocorre em função do que acontece depois que o comportamento termina,

ou seja, o comportamento é condicionado pelas consequências, pelos resultados que ele apresenta. Este condicionamento pode ser definido como “um processo de modelar e manter por suas consequências um determinado comportamento particular” (Fadiman e Frager, 1986 p.195).

O conceito de reforçamento é apresentado pelo autor como uma maneira de reforçar um comportamento desejado. É um estímulo que aumenta a probabilidade de ocorrência do comportamento que se deseja condicionar. O comportamento pode obter reforços positivos e negativos, isto é, quando se deseja manter um determinado comportamento o reforço deve ser positivo e quando se pretende eliminar este comportamento o reforço deve ser negativo, ou seja, o organismo recebe como recompensa aquilo que ele tem aversão. Ambos reforços são reguladores e controladores do comportamento. É desta forma que Skinner compreende o comportamento. Para ele o comportamento é uma resposta às combinações de reforços positivos e negativos que o organismo recebe.

Como já dito anteriormente, a grande preocupação de Skinner era de controlar o comportamento, motivo pelo qual ele estava sempre a procura de boas descrições dos comportamentos para num outro momento poder controlá-lo. Baseado nisto, ele diz que o comportamento não acontece por acaso nem é totalmente livre, mas sim um processo contínuo e verdadeiro que pode ser descrito em função do ambiente no qual ele está inserido. Tal afirmação permite dizer que o comportamento, na visão de Skinner, é mutável e modelado, já que ele se transforma em função do ambiente, dos outros e dos reforços que lhes são apresentados. Para ele somente a história passada da pessoa, os dotes genéticos e os fatores externos da situação imediata são outras possíveis variáveis que contribuem para modificar o comportamento e mais nenhuma outra.

Como conclusão, observa-se que a linha behaviorista aos poucos foi se remodelando e tornando-se mais ampla e flexível. Não só Skinner, mas todos os outros neobehavioristas contribuíram para que esta abordagem seja útil à psicologia humana, mesmo que grande parte do resultado de seus estudos sejam provenientes de laboratórios e experimentos com animais. Os behavioristas contemporâneos dão maior ênfase ao ambiente e a aprendizagem, sem deixar de estudar os estímulos e as respostas. Suas pesquisas mais recentes direcionam-se para fenômenos mais complicados como por exemplo, amor, tensão, empatia, personalidade e outros. A característica marcante dos neobehaviorista é a maneira como eles conduzem as pesquisas, utilizando perguntas precisas e métodos objetivos.

Em síntese, pode-se dizer que o comportamento na visão behaviorista é sem dúvida uma união de respostas precisas a um determinado estímulo, sendo o comportamento possível de modificações em função do ambiente que ele se encontra, sem esquecer que ele também pode ser condicionado e reforçado.

2.2.4. A Gestalt

A psicologia da Gestalt foi desenvolvida em fins do século XIX na Alemanha, tendo como idealizadores deste movimento Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Koffka. A Gestalt fundamentou-se com o princípio básico que para compreender o todo não se pode analisar apenas as partes, é preciso uma compreensão global do organismo, ter uma visão holística, para uma análise mais coerente.

Acompanhando esta linha de pensamento Frederick Perls formula a Gestalt-terapia, influenciado pela psicanálise de Freud e Reich, pelos fundadores da Gestalt, pelo existencialismo e pela fenomenologia, e pelas idéias do psicodrama de Moreno. Ele desenvolve assim a prática da psicoterapia com a visão da Gestalt, ou seja, com uma visão muito mais abrangente do homem.

A Gestalt-terapia, assim como outras terapias de linha humanista, tem como objetivo ajudar o homem a atingir o auto-conhecimento, a satisfação e a auto-sustentação. Fundamentada em fatos do comportamento humano, ela visa o crescimento do indivíduo.

Pode-se compreender a Gestalt como uma união de partes individuais, ou seja, é uma configuração organizada destas partes. Para esta abordagem teórica, a natureza humana é organizada em partes que formam o todo.

Uma das primeiras premissas da Gestalt é a organização de fatos, percepções, comportamentos ou fenômenos, que definem um significado específico e particular a esta abordagem e não os aspectos individuais das situações (Perls,1988).

Com base nesta afirmação, nota-se que a Gestalt é uma análise do todo, uma visão mais abrangente dos fatos e dos comportamentos, procurando assim, compreender o indivíduo dentro de seu contexto, na sua totalidade.

Outro ponto desta teoria está relacionado com a percepção, ou seja, com a forma que o sujeito percebe um determinado evento. Para a Gestalt, a percepção das coisas, dos acontecimentos, modificam-se em função dos interesses de cada um, e da forma como cada pessoa percebe estas situações, do mesmo modo, a percepção de si próprio pode também variar.

Na visão de Perls (1988 p.20) o comportamento é regulado pelo princípio da homeostase, que pode ser compreendido como uma adaptação do organismo. Homeostase é o processo pelo qual o organismo mantém seu equilíbrio, e conseqüentemente sua saúde. É através deste, que o organismo satisfaz suas necessidades. Porém, sabe-se que o organismo apresenta diversas necessidades, as quais ele está sempre buscando satisfazer para manter seu equilíbrio. Entretanto, o processo de

homeostase é bastante frequente e pode mesmo perdurar o tempo todo, visto que, o organismo tem sempre uma necessidades a ser satisfeita.

Observando este processo de homeostase, conclui-se, que o organismo está frequentemente em equilíbrio e desequilíbrio. O ser humano vive em função das suas necessidades num jogo estável / instável. Quando o organismo não consegue satisfazer suas necessidades e se mantém por um bom tempo em estado de desequilíbrio, diz-se que o processo homeostático está doente, podendo colocar em risco a vida do organismo, levando-o até a morte. Assim, este processo de homeostase pode também ser chamado de processo de auto-regulação, fazendo com que o organismo mantenha uma interação com seu meio, buscando a sua estabilidade.

Quando um organismo passa por uma etapa de transformação, observa-se que a percepção dos eventos mudam, e conseqüentemente, as necessidades também, levando então o organismo a selecionar quais são suas atuais necessidades e assim buscar um meio de satisfazê-las. Isto permite dizer que o comportamento do indivíduo é direcionado a satisfazer suas necessidades, e buscar seu equilíbrio.

Oberva-se ainda, que o ser humano tem uma variedade de necessidades sejam elas fisiológicas, sociais, ou outras. Nesta gama de necessidades, algumas são percebidas como essenciais para a existência do indivíduo, podendo ser chamadas de figura (necessidade dominante), e quanto mais elas são identificadas mais as atividades são dirigidas para satisfazê-las. O que leva as outras necessidades a recuarem para segundo plano, formando assim o fundo. Logo, quando um indivíduo satisfaz uma necessidade diz-se que le fechou uma gestalt, o que leva a concluir que o comportamento do indivíduo é direcionado a completar gestalts, através da interação do organismo com o meio.

Outra grande contribuição da Gestalt para a compreensão do comportamento humano é a ênfase que ela dá na observação do organismo como um todo. O homem passa a ser percebido sem a velha cisão corpo/mente, possibilitando à psicologia estudar o homem de modo global, com uma visão mais abrangente.

Pode-se observar esta relação de troca entre o corpo e a mente, quando Perls (1988, p.28) cita:

“O organismo age e reage a seu meio com maior ou menor intensidade; a medida que diminui a intensidade, o comportamento físico se transforma em comportamento mental. Quando a intensidade aumenta, o comportamento mental torna-se comportamento físico”.

Observa-se que um mesmo evento pode ser percebido com intensidades diferentes e, em função destas, é que o homem adapta seu comportamento, podendo este,

num dado momento apenas fazer parte do seu pensamento ficando a nível mental, e em outros momentos, transformar-se totalmente em comportamento físico.

O ser humano deixa de ser só corpo e só mente quando pensa em compreender as atitudes e comportamentos humanos, devemos considerar o todo, considerar o que ele pensa, diz e faz. O modo como faz pode conduzir a sua forma de pensar, do mesmo modo, o pensar dá indícios do que faz ou gostaria de fazer (Perls, 1988).

Para a Gestalt o indivíduo não é auto-suficiente, ele precisa do outro, do meio, ou seja, de um ambiente que o rodeie para que ele possa existir. Seu comportamento é determinado pela relação que ele tem com o meio. Quando a relação é favorável para ambos, certamente o comportamento será positivo, caso contrário a relação conflituosa implicará num comportamento anormal. Assim, Perls (1988, p.31) diz que “cada um é o que é, com suas características individuais, devido a seu relacionamento com o outro e o todo”.

O comportamento, as emoções, as ações e os pensamentos são vistos pela Gestalt como a maneira de vivenciar e encontrar os fatos que existem no limite das relações indivíduo/meio, limite este onde encontram-se os eventos psicológicos.

Dessa forma, pode-se dizer que para a Gestalt o comportamento do indivíduo é uma expressão da relação que ele mantém com seu meio. Esta relação deve ser enfocada na sua totalidade, de modo inteiro, completo para que se possa realmente compreender o ser humano.

2.2.5. A Psicanálise

A teoria psicanalítica foi elaborada pelo médico austríaco Sigmund Freud, no final do século XIX, destinando-se a compreender as desordens neuróticas. Tais desordens são normalmente caracterizadas pela “ansiedade excessiva e, em alguns casos, depressão, fadiga, insônia, paralisia ou outros sintomas relacionados com conflitos ou tensões”(Davidoff, 1983 p.15).

A base da teoria psicanalítica está nos estudos sobre hipnose que Freud realizou com Charcot em 1895 no hospital psiquiátrico “de la Salpêtrière” em Paris, França. A sugestão hipnótica era utilizada em pacientes com sintomas histéricos e rendiam resultados positivos. Assim, Freud decide se aprofundar nestes estudos e, com auxílio de outro médico, Breuer, ele investiga as possíveis causas da histeria. A partir de então,

opta em encorajar o paciente a falar livremente de tudo que pudesse estar ou não relacionado com seu sintoma, relatando seus sonhos e tudo o mais que lhe viesse a mente, criando desta forma o método da associação livre, deixando de lado a hipnose.

Somente em 1896 que Freud batiza seus estudos e métodos com o nome de psicanálise. Esta teoria marca fortemente a história da psicologia. O novo método utilizado para interpretar e compreender as atitudes do ser humano, causa grande impacto na época, revolucionando assim o futuro da psicologia e sem dúvida questionando os modelos até então estabelecidos.

Sua contribuição para o estudo do comportamento humano foi de grande importância dentro da psicologia e em outras ciências. A preocupação de Freud era de estudar e perceber a personalidade normal e anormal, dando ênfase no tratamento do comportamento anormal e nos conteúdos inconscientes.

Na visão teórica de Freud, nada ocorre ao acaso e muito menos o que se refere aos processos mentais. Assim, todo pensamento, lembranças, sentimentos e comportamentos têm uma causa específica.

Na tentativa de compreender o comportamento, Freud faz referência a dois termos diferentes que ele chama de instinto e pulsão. O primeiro, instinto, definido no Vocabulário de psicanálise (Laplanche e Pontalis, 1990 p.203) como: “esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco suscetível de alterações, e que parece corresponder a uma finalidade”. Pode-se dizer que instinto é uma forma de comportamento pronta, aprendida de uma determinada espécie, que responde automaticamente a um estímulo, ou ainda, que busca através deste comportamento a satisfação de uma necessidade. O termo pulsão por sua vez, foi definido no mesmo livro como: “processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo”(p.359). De acordo com Freud, uma pulsão tem sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); seu objetivo é de eliminar o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto, ou graças a ele, que a pulsão pode atingir seu objetivo. Pulsão seria então, algo que direciona o indivíduo para a ação, para a realização de um objetivo. Dessa forma, é um estado de desequilíbrio do organismo que pode servir de estímulo para que o indivíduo apresente um determinado comportamento. Pulsão é na realidade, o que motiva, o que leva o indivíduo a suprir sua necessidade, é o que leva o organismo à ação.

Segundo Freud, é das pulsões que se originam todas as atividades, ou seja, todos os pensamentos e comportamentos. Aos aspectos físicos das pulsões ele chama de necessidades e, aos aspectos mentais, de desejos.

Na psicanálise o comportamento é visto como um ciclo que busca o equilíbrio do organismo. Ele inicia do estado de repouso para tensão e atividade, e volta

para o repouso, formando o modelo tensão-redução. Assim, o comportamento é a expressão da atividade que o sujeito escolhe para reduzir a tensão que o impulsionou a este fim. Neste caso, o modelo mental e comportamento normal e saudável é o que busca reduzir a tensão de modo à reencontrar o equilíbrio.

Logo, a teoria psicanalítica tem por finalidade buscar as causas dos pensamentos e comportamentos, que de uma certa forma, não estão satisfazendo uma necessidade. O que se observa na verdade, é que existem vários pensamentos e comportamentos que não reduzem a tensão, e sim, parecem criar mais tensão, pressão ou ansiedade, indicando a existência de um bloqueio.

Existe de acordo com Freud, vários tipos de pulsões. Mas ele mesmo observa que os pensamentos, as ações, os comportamentos são resultados da combinação que existe das pulsões de vida e de morte. Entretanto, ele lembra também que cada pulsão tem uma energia própria. Libido é a energia que existe nas pulsões de vida, a energia das pulsões de morte ele simplesmente chama de energia agressiva.

Freud acrescenta que o comportamento é também resultado da integração das estruturas de personalidade que ele chama de: id, ego e superego. No caso dos comportamentos neuróticos, existiria ao invés de integração, um conflito entre estas estruturas. O **id** seria a estrutura básica, original e herdada, exposta às exigências somáticas do corpo, do ego e do superego. É o reservatório de energia de toda personalidade. Os conteúdos presentes nele são quase todos inconscientes. O **ego** por sua vez é o que está em contato com a realidade externa. Ele nasce a partir do id, e tem a tarefa de garantir a saúde e segurança da personalidade, e também de enfrentar a necessidade de reduzir tensão e aumentar o prazer. A última estrutura é o **superego**, originado a partir do ego, exerce a função de juiz sobre as atividades e pensamentos do ego. Nele estão depositados os modelos de conduta, os códigos morais, etc que formam assim as inibições da personalidade. (Fadiman e Frager, 1986 p.11)

Uma outra forma de analisar o comportamento pela teoria psicanalítica, é a partir das fases psicosssexuais de desenvolvimento. Para Freud o comportamento normal resulta da busca de satisfação de uma necessidade, e está relacionado com a fase de desenvolvimento em que se encontra o indivíduo. As necessidades e o comportamento que ele adota devem corresponder com sua fase de desenvolvimento. A primeira fase chama-se **oral** e vai do nascimento até mais ou menos o segundo ano. Está ligada a satisfação em torno dos lábios, língua, dentes. Grande parte de energia desta fase está focalizada nesta região. A fase seguinte chama-se **anal**, situando-se aproximadamente do segundo ao quarto ano. Nesta fase os prazeres estão associados ao controle dos esfíncteres. A **fase fálica** centra os interesses da criança nas áreas genitais, iniciando normalmente no terceiro ano e tendo seu fim por volta do quinto ao sexto ano. O ponto culminante desta fase é o **complexo de Édipo** - momento em que as crianças vêem os

pais como ameaçadores da realização da satisfação de suas necessidades. Esta situação faz com que a criança demonstre certa rivalidade perante o personagem do mesmo sexo e apresente desejos amorosos com relação ao sexo oposto. “O complexo de Édipo apresenta-se como fundamental na estruturação da personalidade e do desejo humano” (Laplanche e Pontalis, 1990 p.80). O declínio desta fase marca a entrada no **período de latência**, que tem seu início por volta dos cinco e seis anos e seu fim no início da puberdade. Neste período a criança abandona seus investimentos sexuais, aparece a moral, a vergonha, “a criança volta-se mais para o relacionamento com seus companheiros, suas atividades escolares, esportes e outras habilidades” (Fadiman e Frager, 1986 p.15). Somente com o início da puberdade é que aparece a última fase de desenvolvimento, a **fase genital**. Nesta o indivíduo já consciente da sua identidade sexual, retorna seus interesses aos órgãos sexuais buscando formas interpessoais de satisfazer suas necessidades.

O comportamento só é considerado patológico quando o indivíduo, para reduzir a tensão ou para aliviar a ansiedade, depende excessivamente dos prazeres de uma referida fase.

Contudo, observa-se na teoria de Freud que existem outros mecanismos capazes de dissimular a ansiedade. Tais mecanismos são chamados de mecanismos de defesa. A **sublimação** é considerada um mecanismo de defesa bem sucedida, visto que, ela resolve e elimina a tensão, direcionando a energia original para fins artísticos, intelectuais ou culturais. Os outros mecanismos de defesa bloqueiam a expressão direta das necessidades pulsionais e instintivas. São eles: **repressão** - consiste em afastar uma determinada coisa do consciente; **regressão** - retorno a um nível anterior procurando assim escapar da ansiedade; **formação reativa** - substitui comportamentos e sentimentos que são opostos ao desejo real, é uma inversão inconsciente do desejo; **isolamento** - tentativa de separar as partes da situação que provocam ansiedade, do resto da psique; **negação** - tentativa de não aceitar na realidade um fato que perturba o ego; **projeção** - é atribuir ao outro, a um animal, ou um objeto as qualidades, sentimentos ou intenções que se originam em si próprio; **racionalização** - é a tentativa de explicar tudo, de justificar o comportamento, através de motivos aceitáveis para nossos pensamentos ou ações.

Em síntese, pode-se dizer que o comportamento físico e mental na visão Freud é derivado das tensões que existem no organismo. É uma forma de responder aos desequilíbrios provocados por uma necessidade. Assim, é com a análise e conhecimento do mundo interior de cada pessoa, que se pode compreender o porque se apresenta um dado comportamento. Para Freud “todo comportamento se inter-relaciona, não existe acaso psicológico - algumas das escolhas de pessoas, lugares, alimentos e divertimentos

são provenientes de experiências das quais não lembramos ou não podemos lembrar”(Fadiman e Frager, 1986 p.29).

2.2.6. A Psicologia Humanista

Este modelo teórico pode ser considerado como o mais atual em termos de compreensão do comportamento. Desenvolveu-se com Binswanger, Goldstein, Fromm, Maslow, Rollo May, Rogers e outros. De acordo com estes estudiosos, a pessoa deve ser vista como um todo em desenvolvimento e devem ser postos em destaque o ambiente sociocultural, as necessidades realmente humanas e o comportamento criativo, construtivo e cooperativo. Para a psicologia humanista o importante é a autodeterminação e autodireção que toma o indivíduo, considerando que o comportamento anormal é resultado do bloqueio ou distorção das tendências inerentes ao ser humano, tendências essas para o engrandecimento e a realização pessoal. (Dorin, 1978)

A psicologia humanista é fundamentada no estudo da pessoa e não apenas no seu comportamento. Ela procura a valorização do indivíduo através da sua auto-realização. Para a corrente humanista o indivíduo é responsável pela sua realidade e pelas percepções que ele tem desta, sendo ele capaz de desenvolver-se, tornar-se e modificar-se em função das experiências que ele próprio vivencia durante seu desenvolvimento. Ele é visto como o centro das transformações que ocorrem no mundo, o que leva a considerar que ele é plenamente responsável pela escolha de seus comportamentos.

De acordo com esta teoria, o comportamento é demonstrado em função da percepção que a pessoa tem da realidade, ou seja, do estímulo ao qual ela está sendo apresentada. A pessoa reage ao estímulo de acordo com a percepção que ela tem dele. Na verdade, o indivíduo não reage a uma realidade absoluta, mas sim ao que ele percebe como campo perceptivo que é para ele a sua realidade. Assim, pode-se dizer que uma pessoa ao ver alguém caindo de uma escada pode achar isto muito engraçado, enquanto uma outra, pode manifestar um comportamento mais apreensivo por saber os riscos que o outro corre ao cair da escada. Ora, a mesma situação pode evocar comportamentos diferentes nas pessoas, isto porque, cada um percebe a cena de modo diferente e age em função da sua própria realidade.

É por esta razão que Rogers, diz que “o comportamento é adequado a realidade percebida” (1992, p.551). “É uma reação ao campo, da forma como este é percebido” (1992,p.559). Ele acrescenta ainda, que cada percepção é essencialmente uma

hipótese, isto porque, num dado momento o sujeito percebe algo ao qual ele relaciona com suas necessidades do momento, por exemplo, a pessoa que riu ao ver o outro cair da escada, pode apresentar este comportamento por apenas pensar que o outro estivesse brincando - muitas das hipóteses são testadas e retestadas pelo indivíduo.

Desta forma, nota-se que a percepção é um fator de extrema importância na determinação do comportamento, visto que, a resposta à uma determinada situação decorre do modo como esta é percebida, ressaltando mais uma vez que cada ser humano apresenta uma forma diferente de perceber a realidade, levando a concluir então, que não existe realidade absoluta, mas percepções diversas que representam para o observador a sua própria realidade. Além do mais, quando o indivíduo muda sua percepção, conseqüentemente seu comportamento também muda.

Assim, a psicologia humanista compreende o comportamento baseando-se na referência interna da pessoa, dando importância aos seus valores e não aos valores do observador. O comportamento é uma resposta da forma como o sujeito observou, percebeu um estímulo, o que pode também estar relacionado com seu próprio *self*, entendido aqui como sua consciência de ser, de funcionar. O que o sujeito percebe na realidade, são estímulos que estão mais relacionados com a sua história, com a sua realidade, que fazem parte do seu campo perceptivo, e o comportamento que será manifestado terá sem dúvida uma relação de concordância com o *self* e com o momento presente do sujeito.

Todo comportamento tem uma razão de ser e é uma resposta a uma realidade percebida. O comportamento não acontece por acaso, nem tão pouco por causa de algo que ocorreu no passado, mas sim, pelas tensões e necessidades que o organismo busca satisfazer ou reduzir.

Grande parte dos comportamentos adotados pelos organismos são coerentes com o conceito de *self*. Cada ser humano apresenta seu próprio *self*, que é construído durante o processo de desenvolvimento da pessoa, e pode ser modificado, remodelado em função de novas percepções, aquisições e experiências, o que de certo modo vai também remodelar o comportamento do indivíduo. Lembrando ainda que o indivíduo só manifesta determinado comportamento se este estiver de acordo com o seu conceito de *self*, ele só procura satisfazer suas necessidades por meios que sejam coerentes com o *self*. (Rogers, 1992).

Com o processo de desenvolvimento, o indivíduo testa diferentes experiências as quais o levam a uma estruturação do *self*, fazendo com que o indivíduo forme seu quadro de valores, os quais serão percebidos como princípios que contribuem para a manutenção, concretização e aperfeiçoamento do organismo. Esta situação contribui para que os valores sociais e culturais sejam introjetados no *self* do sujeito. Entretanto, no decorrer da sua vida ele experimenta diversas situações que podem colocar

em evidência o verdadeiro sentido e significado destes, levando então, o sujeito à substituir determinados valores por valores mais atuais ou mesmo mais pessoais. Dessa forma, percebe-se que mudando os valores, muda também a reação do sujeito para com o campo perceptivo, e conseqüentemente, a resposta à este evento, ou seja, a expressão do comportamento.

Como já dito anteriormente, todo comportamento busca satisfazer uma necessidade atual da pessoa, ele busca a redução ou a satisfação destas necessidades numa determinada situação. Rogers diz que as necessidades estão relacionadas com o instinto de preservação e aperfeiçoamento do organismo. Para ele, o comportamento do indivíduo busca manter, intensificar e reproduzir o eu, direcionando-o para à autonomia, e opondo-se ao controle externo.

Dentro da visão humanista, o indivíduo é alguém com forte tendência e capaz de realizar plenamente suas potencialidades. Ele busca através da satisfação de suas necessidades intensificar sua auto-estima.

O comportamento de acordo com a visão rogeriana, pode ser sintetizado como sendo um esforço dirigido para realização de um objetivo do organismo a fim de satisfazer suas necessidades. Lembrando que estas necessidades vão de encontro com a percepção que o indivíduo tem da realidade. Realidade esta, que só pode ser compreendida se olharmos com os olhos da própria pessoa, pois ela representa o seu mundo interno, a forma como ele compreende e vive a sua realidade (Rogers, 1992, p.561).

Outro humanista renomado foi Abraham Maslow, psicólogo, dedicado ao estudo do crescimento e desenvolvimento pessoal, fez vários estudos sobre o comportamento humano. Suas pesquisas iniciaram com o comportamento animal, mais precisamente com a dominância e o comportamento sexual dos primatas. Após a conclusão de seu doutorado, ele se interessou pelo comportamento humano, tendo forte tendência ao estudo do comportamento sexual humano. Entretanto, com o fim da segunda grande guerra, Maslow passa a valorizar mais a psicologia social e da personalidade em detrimento da psicologia experimental.

A obra que Maslow desenvolveu sobre o comportamento humano recebeu influência da psicanálise, da psicologia da Gestalt com Max Wertheimer e Kurt Goldstein, e da visão antropologista de Sumner e Ruth Benedict. Estas pessoas despertaram no autor um profundo desejo de melhor conhecer o ser humano e as facetas de seus comportamentos. Foi com este pensamento que Maslow iniciou sua pesquisa sobre a psicologia da auto-atualização.

A auto-atualização representa para Maslow uma forma de comportamento do indivíduo em usar e explorar plenamente suas capacidades, talentos e habilidades.

Fadiman e Frager, descrevem em Teorias da Personalidade (1986, p.264), os oito comportamentos citados no último livro de Maslow, que levam à auto-atualização.

1. O primeiro comportamento que o indivíduo deveria manifestar para auto-atualização é de entregar-se à experiência, doar-se por inteiro, doar-se plenamente à todos os momentos e situações, para que ele possa vivenciar de forma completa e intensa cada instante de nossas vidas.

2. O segundo comportamento que direciona à auto-atualização é o momento da escolha. Para Maslow o processo de escolha significava optar pelo crescimento ou pela segurança. Segundo ele, escolher crescimento é arriscar-se para o novo, o desconhecido, é abrir-se para o mundo. Enquanto a opção pela segurança é manter-se no familiar, no conhecido e não arriscar-se.

3. A outra forma de auto-atualização é ser verdadeiro, ser verdadeiro consigo mesmo, procurando fazer suas próprias escolhas, decidir sozinho, sem influências de outras pessoas. É valorizar seu próprio pensamento, sua maneira de ser, ver o que realmente deseja o seu íntimo.

4. Outros dois elementos que são essenciais para formar a auto-atualização é a honestidade e a responsabilidade. É procurar ser honesto e responsável pelos nossos atos, ser autêntico em nossas respostas e atitudes, e não apenas procurar agradar à outros, procurando com isso um maior conhecimento de si mesmo.

5. Maslow acredita que se o indivíduo consegue realizar os quatro elementos anteriores, ele está apto a tomar melhores decisões sobre o que está certo ou errado na sua vida, quer sejam simples escolhas ou decisões mais importantes.

6. Aqui o autor enfatiza que o processo de auto-atualização é um modo de vida, uma maneira de ser do sujeito, é a forma pela qual ele se relaciona com o mundo. É o modo como ele utiliza suas habilidades, como ele desenvolve suas potencialidades.

7. Segundo a teoria da auto-atualização, nos momentos em que o indivíduo se sente mais feliz, mais realizado ele está pronto para usar suas energias de modo construtivo. Nestes momentos ele se encontra mais inteiro, mais integrado e mais consciente de si mesmo e do mundo que o cerca.

8. Por fim, o último passo seria, o de reconhecer nossas próprias defesas e tentar abandoná-las. Procurando compreender porque modificamos nossa auto-imagem e a do mundo exterior, usando para isto mecanismos de defesas.

É importante lembrar, que algumas pessoas apresentam maior facilidade para se auto-atualizarem que outras. Estas pessoas são consideradas por Maslow como capazes de transcender a auto-atualização, ou seja, são capazes de se tornar mais conscientes de todas as coisas do cotidiano, capazes de pensar de maneira mais geral e conseguem desprender-se mais facilmente de ligações com passado, presente e futuro. Eles são vistos também como mais criativos e originais.

De acordo com esta teoria, pode-se dizer que o homem é visto como responsável pelo seu comportamento, pelas respostas que ele dá aos estímulos que lhes são oferecidos. Ele é responsável pela sua satisfação, pelo seu crescimento, suas escolhas e principalmente, é um ser capaz de conhecer-se profundamente.

Outras formas de comportamento que são apresentadas por Maslow, estão relacionadas com a experiência culminante e experiência platô. Na primeira o indivíduo manifesta um comportamento onde ele está profundamente envolvido com o mundo, representa os momentos em que o sujeito passa por situações felizes e prazerosas. Já na segunda, o comportamento da pessoa pode ser completamente modificado em função de algum acontecimento, ela passa a encarar o mundo de modo novo e diferente, criando assim uma nova consciência do mundo.

Neste último tipo de expressão do comportamento podemos traçar um paralelo com a teoria rogeriana, é o momento em que o indivíduo muda sua visão de mundo, momento em que ele começa a perceber de outra forma a realidade. Mudando a percepção da realidade, muda também o comportamento.

Para Maslow o ser humano desenvolve algumas necessidades que são essenciais para sua sobrevivência e seu bem estar. Situação esta que implica em mudanças no comportamento do indivíduo em função da necessidade que ele venha a cumprir, o que nos leva a ver o comportamento como uma forma de resolução de problemas, ou seja, a busca da satisfação de uma necessidade.

Um outro ponto de extrema importância na teoria de Maslow é a tão conhecida hierarquia das necessidades. Este conceito, segundo o autor, influencia nos diferentes comportamentos que o indivíduo apresenta ao longo de sua vida. Segundo Maslow, a hierarquia das necessidades também é forte influenciadora da motivação humana, visto que, é com base na satisfação de uma necessidade que o homem adapta seu comportamento.

A hierarquia das necessidades é representada muitas vezes em forma de pirâmide. Na base encontram-se as necessidades primárias (fisiológicas e de segurança), que em grande parte dos indivíduos são regularmente satisfeitas. Aparecem em seguida as necessidades secundárias (sociais, de estima e de auto-realização).

De acordo com Chiavenato, “as necessidades primárias (fisiológicas e de segurança) são satisfeitas sem muito esforço e sem muita motivação por parte do indivíduo” (1991, v.1, p.103). Quando tais necessidades não são cumpridas, o comportamento e as ações do indivíduo buscam apenas realizar estes objetivos básicos.

Em síntese, observamos que o comportamento humano na teoria de Maslow aparece como uma ação destinada à um fim, isto é, o comportamento busca realizar uma necessidade. Entretanto, vale ressaltar que uma necessidade satisfeita não impulsiona o indivíduo à procurar outros objetivos, apenas as necessidades não satisfeitas

conduzem o indivíduo para objetivos pessoais, sendo ela bastante motivadora. Ele acrescenta também que o comportamento do indivíduo é influenciado simultaneamente por um grande número de necessidades, mas apenas as necessidades secundárias provocam mais estímulo nos indivíduos.

Por fim, a visão humanista de Rogers e Maslow, demonstra que o comportamento humano depende fortemente do campo perceptivo do indivíduo, e que a mola impulsional da ação de um comportamento é a busca da satisfação de uma necessidade. Podemos considerar que para ambos autores, o indivíduo está sempre focalizando seus esforços e comportamento para atingir sua auto-realização.

2.3. Definição

A psicologia no seu início nem sequer tinha preocupação com o estudo do comportamento. Conforme descrito anteriormente, vimos que os estruturalistas preocupavam-se apenas com a consciência, com as relações que ela poderia ter com o corpo, utilizando para isto a observação introspectiva. O foco de interesse eram as experiências sensoriais, o funcionamento dos processos mentais e adaptação do indivíduo no seu ambiente. O processo comportamental e o comportamento em si, não fazia parte das inquietações da época.

Foi com o Funcionalismo que surgiu o interesse em saber porque, para que, e qual a função do comportamento. Para os funcionalistas o comportamento era mutável, capaz de evoluir e constituído por hábitos e experiências anteriores, às quais pode-se referir como **conhecimentos e habilidades**.

Mas, foi com o movimento Behaviorista que o comportamento e o processo comportamental ganhou sua devida importância. Os behavioristas procuravam entender o processo comportamental com a finalidade de controlá-lo. Eles observavam os eventos ambientais, para eles estímulos, e o comportamento final, ou seja, as respostas. Segundo eles, a experiência era um fator a ser levado em consideração para obtenção do comportamento, o que nos faz observar mais uma vez a importância do **conhecimento**. O comportamento era visto como uma resposta as combinações de reforços positivos ou negativos que o organismo recebe. O processo comportamental, é segundo eles, complexo e deve ser dividido em partes para uma melhor compreensão.

Na concepção Gestaltista o comportamento visa a **satisfação de uma necessidade**. O processo comportamental está relacionado com a busca do equilíbrio

para o organismo, e com a relação que o indivíduo tem com o meio. Para isto, ele deve ser adaptável a situação e em função desta procurar sua satisfação.

Seguindo esta mesma idéia, temos a teoria psicanalítica, que também enfatiza que o comportamento está relacionado com a busca da **satisfação de uma necessidade**. Originário do instinto ou das pulsões, ele apresenta uma energia denominada libido, que de certa forma, age como força motivadora para o indivíduo realizar a ação, ou seja, suprir sua necessidade. Esta abordagem também salienta que para ocorrência do comportamento é preciso conhecimento, conhecimento de si mesmo e da sua realidade.

Os humanistas também dão ênfase na realidade. Segundo eles, o comportamento depende da realidade de cada um, do modo como percebemos o ambiente, e depende do nosso próprio conhecimento. Para eles, o comportamento está **baseado nos valores** internos da pessoa, e em função destes, é que o sujeito satisfaz suas necessidades. O comportamento depende também da forma como cada um **utiliza suas habilidades**. Para esta corrente teórica é através do comportamento que o indivíduo busca sua auto-realização.

As teorias apresentadas mostram o quanto é complexo o comportamento, e sobretudo o processo comportamental. Cada abordagem dá ênfase a um determinado aspecto para explicar o comportamento. Encontra-se fatores como:

Conhecimento, que significa tudo que aprendemos no decorrer da nossa vida e que se adapta e se modifica em função do momento em que estamos vivendo, do ambiente e das informações que estamos adquirindo. No conhecimento estão todas nossas experiências anteriores.

Habilidades, que representa a facilidade que cada pessoa tem para utilizar as capacidades. Pode ser observada através das ações realizadas pelo sujeito baseado no conhecimento que ele adquiriu em situações similares.

Necessidade, que corresponde a um estado de desequilíbrio interno do organismo. É de certa forma o que faz o sujeito buscar um resultado, é o que leva o sujeito à ação. As necessidades é que motivam o indivíduo para realização de um comportamento.

Valores, que podemos entender como um conjunto de crenças, preferências, julgamentos, são formados a partir da história socio-cultural da pessoa, normalmente se desenvolve através dos conceitos passados pelo ambiente em que se situa o sujeito.

Considera-se estes fatores como determinantes do comportamento e conseqüentemente do processo comportamental. Eles exercem uma influência fundamental na realização de um comportamento, visto que, para se formar um comportamento o indivíduo utiliza de todos estes fatores.

Baseado nestes estudos, supomos, que o processo comportamental é um processo compreendido por etapas, as quais seguem uma sequência precisa para obtenção de um dado comportamento. O início do processo comportamental é marcado por um evento possivelmente motivador e termina com uma ação, um resultado, ou seja, o comportamento em si, que certamente pode ser traduzido como a realização da necessidade expressa anteriormente pelo indivíduo.

Estas observações levam a compreender que o comportamento é o resultado de um processo, que busca satisfazer num momento determinado, as necessidades do indivíduo para aquele instante. O comportamento é a expressão do processo comportamental realizado.

2.3.1. Processo Comportamental - uma proposta de compreensão

Com base nos grandes movimentos da história da psicologia apresentados anteriormente, pôde-se ter uma idéia de como cada corrente aborda o comportamento humano. Assim, observamos que existe uma grande diversidade de opiniões sobre a ocorrência do processo comportamental, dos fatores que influem mais ou menos durante este processo, se ele acontece da mesma forma para crianças e adultos, o que leva a pessoa a apresentar tal comportamento, enfim, quais são as etapas deste processo.

Todos estes questionamentos indicam que o comportamento é realmente resultante de um processo. Processo este que engloba várias etapas a serem realizadas para que o comportamento seja de fato expresso pelo indivíduo.

Dessa forma, no presente capítulo será apresentado um modelo que se propõe a traduzir as etapas formadoras do processo comportamental. Tal modelo foi construído, durante um estudo de mestrado, para compreensão do comportamento humano, visando melhor entendimento do comportamento dos empreendedores de sucesso. A dissertação de referência leva o título de : **“Um modelo comportamental para o estudo do perfil do empreendedor”** - realizada por Mácia Terezinha Longen, PPGEP- UFSC, 1997.

Neste estudo, o processo comportamental proposto para explicar o comportamento humano, é formado por sete etapas, desde o evento até a resposta, para expressar do comportamento final. As etapas a serem percorridas são mostradas na figura abaixo:

O processo comportamental - uma proposta de compreensão

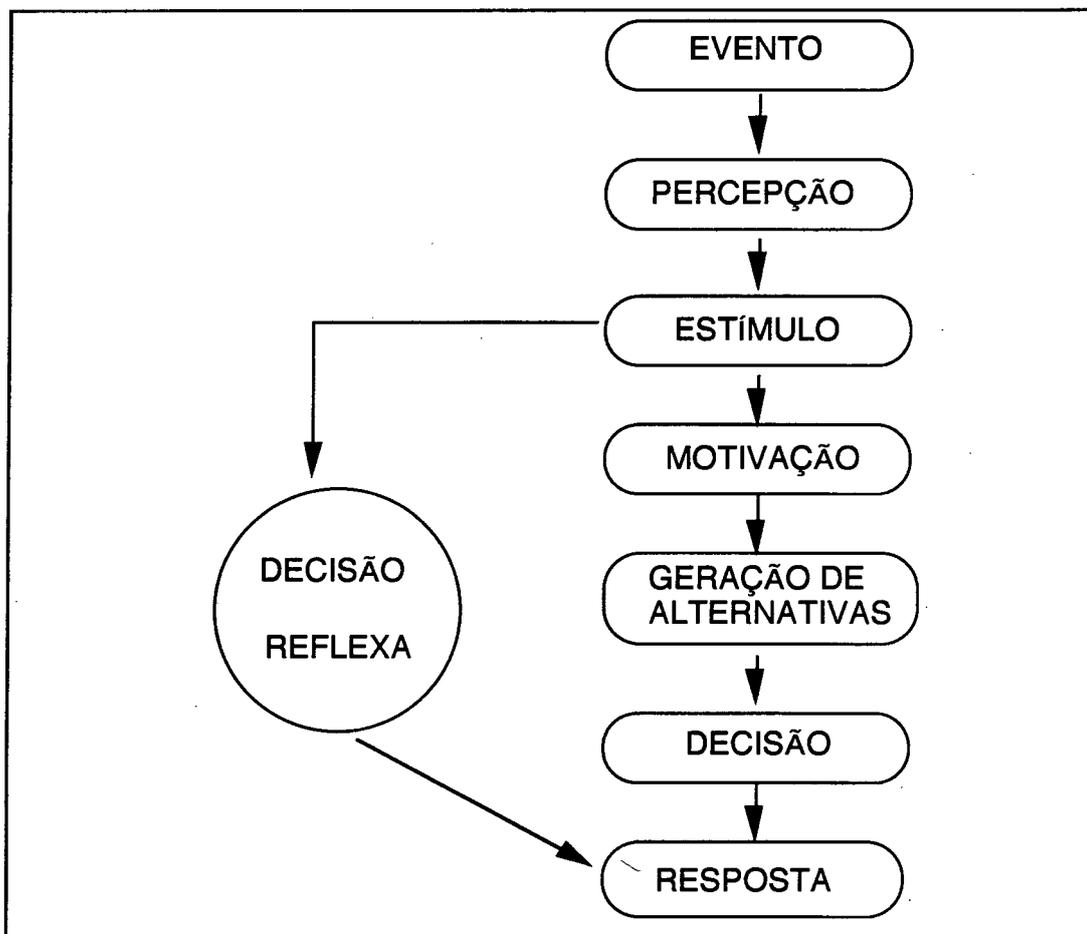


Figura 01 - processo comportamental

Onde:

Evento - corresponde a qualquer acontecimento interno ou externo ao indivíduo capaz de produzir um estímulo e, conseqüentemente, influenciar o comportamento. Os eventos são detectados pelo organismo através dos órgãos dos sentidos, num processo chamado de percepção.

Percepção - é a etapa onde o indivíduo organiza, interpreta e traduz as informações que vem através dos órgãos dos sentidos. O indivíduo seleciona os estímulos de acordo com sua necessidade, atenção e seus interesses, para em seguida efetuar uma interpretação. Através deste processo, o evento pode ou não se transformar em estímulo.

Segundo os humanistas, o comportamento apresentado pelo indivíduo depende da percepção que ele tem da realidade. Cada pessoa tem uma forma de perceber a realidade, que na maioria das vezes está relacionada com seus valores e suas necessidades. A maneira como a pessoa reage ao evento, vai de encontro com a percepção

que ela tem dele. Não existe realidade absoluta, mas sim várias formas de se perceber a realidade que na verdade vão representar para o observador sua própria realidade.

Estímulo - é a percepção de um evento como uma oportunidade para satisfazer uma necessidade, ou um conjunto delas, e portanto, capaz de motivar o indivíduo.

Motivação - compreende-se por motivação um impulso fundamental para gerar um comportamento. Essa etapa depende exclusivamente das necessidades de cada pessoa, é com base neles que o sujeito será capaz de apresentar-se muito ou pouco motivado para realizar a ação.

Com base no que foi dito anteriormente, a motivação está relacionada com o grau de necessidade da pessoa. A medida que o indivíduo percebe que sua necessidade poderá ser satisfeita, cresce sua motivação para realizar a ação. Entretanto, de acordo com os gestaltistas, o organismo está sempre num estado de equilíbrio/desequilíbrio, procurando sempre satisfazer uma necessidade, completar uma gestalt.

Já na visão do humanista Maslow, são as necessidades não satisfeitas que impulsionam o indivíduo para objetivos pessoais, sendo elas mais motivadoras.

Geração de alternativas - é o processo de elaboração de possíveis ações que permitem utilizar o evento para satisfazer o conjunto de necessidades. É a maneira pela qual o indivíduo tenta formular alternativas de soluções, para aproveitar o evento a fim de satisfazer as necessidades. Esta etapa sofre influências do conhecimento e das habilidades do sujeito para com o tema em questão.

Decisão - é o momento em que o indivíduo deve escolher alguma das alternativas de respostas geradas na etapa anterior, mediante um sistema de valoração. Nesta etapa, os valores pessoais são novamente ativados, pois a escolha do sujeito deve ir de encontro com seus valores internos e satisfazer suas necessidades.

Esta etapa é caracterizada pela escolha, o que parece dificultar o processo, visto que, as pessoas apresentam dificuldade em escolher entre suas reais necessidades e seus valores, uma vez que estes são formados por conceitos apreendidos na sociedade, enquanto os outros formam-se internamente.

Resposta - é o processo de execução da alternativa escolhida e portanto, a manifestação do comportamento. Corresponde a ação ou ações que serão usadas para aproveitar o evento na busca da satisfação das necessidades.

Decisão reflexa - é uma outra forma de dar uma resposta a um determinado evento. Pode-se também associá-la a concepção behaviorista de comportamento respondente, que significa, ter uma resposta pronta, muitas vezes automatizada, para um evento apresentado ao organismo.

Esta etapa pode também ser relacionada com a teoria psicanalítica, quando esta define instinto como sendo um comportamento herdado, com poucas variações de um

indivíduo a outro. É um comportamento pronto, aprendido e que completa-se por um resultado mais imediato, o que elimina a necessidade de passar pelas outras etapas descritas anteriormente neste modelo proposto.

Como visto anteriormente, o comportamento é resultado de um processo. Esta afirmação pode sem dúvida ser reforçada pelo modelo apresentado acima. Tal modelo é destinado ao estudo do processo comportamental, ou seja, ele procura desmembrar cada passo que toma o indivíduo para manifestar um comportamento.

O modelo de estudo do processo comportamental apresentado, visa explicar todo tipo de comportamento, inclusive comportamentos específicos, como é o caso do comportamento criativo.

Capítulo 3 : CRIATIVIDADE

3.1. Introdução

Tentar definir criatividade realmente não é algo muito fácil. Talvez seja por esta razão que encontram-se diversas definições sobre este tema.

Para melhor compreensão deste trabalho, considera-se importante explicitar algumas definições mais usuais do que vem a ser criatividade, e ainda diferenciá-la de conceitos que possam estar interligados à este tema.

Nos dicionários de artes e arquitetura, criatividade está ligada à criação, ou seja, ao ato ou efeito de criar. No dicionário de língua portuguesa Aurélio (1993), este termo é definido como qualidade de criativo, capacidade criadora. Entendendo o termo criar como a forma de dar existência, de gerar, dar origem, produzir, inventar ou imaginar algo. Criatividade no dicionário de psicologia, é definida como: capacidade para criação, para auto-realização, existente em todas as pessoas, dependendo entretanto das condições ambientais para se desenvolver (Dorin, 1978).

Para Mansfield e Busse (1981), criatividade é vista também como um “conceito relativo” (in Alencar, 1993 p.15). Isto porque, uma idéia só é considerada criativa em função de outras já existentes, levando em consideração o momento no qual ela está sendo gerada, sabendo também, que para ser considerada criativa, além do fator novidade ela deve ser apropriada a uma determinada situação.

Alencar (1993 p.16) complementa esta idéia, dizendo que “criatividade é também uma questão de grau, com alguns indivíduos mais criativos e outros menos”.

A criatividade, segundo Kneller (1978 p.15), existe “quando descobrimos uma idéia, um artefato ou uma forma de comportamento que seja nova para nós”. A criatividade supõe novidade, ou seja, a realização de algo novo ou um ajuste a uma dada situação, para a pessoa que a produz. Lembrando ainda, que para criar a pessoa necessita de uma fonte ou forma anterior como artefato de inspiração.

É realmente difícil de se ter uma definição precisa do que vem a ser criatividade, isto porque, criar implica numa série de modificações e adaptações do comportamento humano, para se obter um resultado dito criativo. Para se definir criatividade deve-se considerar a motivação do indivíduo, a personalidade, seus ideais, seus valores, seu ambiente, sua formação cultural e toda sua história de vida.

Segundo Young (1985), a definição de criatividade do Latim *Creare*: criar, fazer, elaborar e do grego *Krainen*: realizar, desempenhar, preencher, mostra que o termo criatividade se aproxima destes dois significados. Para este mesmo autor, a imaginação é usada para fazer alguma coisa nova e valiosa, e também transformar isto em algo melhor. O criador usa o velho e transforma em novo, ele procura superar o tradicional com a inovação e acrescenta uma melhora no ultrapassado.

A criatividade é um conceito mutável e dinâmico, pois evolui com o tempo, em função do momento histórico, apresentando variações de um indivíduo para outro. A idéia criativa procura na sua própria essência "superar" uma outra anteriormente estabelecida, buscando no geral uma melhor qualificação onde ela será inserida.

Algumas definições caracterizam a criatividade como um modo de libertar-se de impulsos, de aliviar tensões, possibilitando ao indivíduo liberar suas ansiedades. Tais afirmações encontram-se na escola psicanalítica e na arte tradicional, que muitas vezes analisam o comportamento criativo do artista como um modo de libertar-se de seus conflitos "inconscientes" (Fiorini, 1986).

Para os seguidores de Carl Rogers, a criatividade apresenta dois sentidos. Primeiramente, é definida como um tipo de comportamento representado pela intuição e espontaneidade, e dos produtos derivados desses comportamentos (obras de arte, pensamento...). A outra definição está relacionada à tendência do indivíduo para auto-realização, isto é, à capacidade da pessoa realizar suas potencialidades como ser humano (Kneller, 1978).

Alguns autores falam de criatividade como algo inerente ao indivíduo, podendo ainda exercitá-la. Isto porque a pessoa criativa necessita de conhecimento e flexibilidade para elaborar idéias consideradas criativas.

Grande parte destas definições destacam que a criatividade só pode ser alcançada através do trabalho, ou seja, pela dedicação que a pessoa dá ao referido assunto. É importante lembrar, que boa parte das idéias inovadoras acontecem quando a pessoa já está envolvida com o tema em questão, o que leva à crer que para o aparecimento de idéias novas é preciso algum conhecimento anterior.

Para Oech (1995, p.18), o segredo de "ser criativo está no que você faz com o conhecimento que tem. O pensamento criativo supõe uma atitude, uma perspectiva, que leva a procurar idéias, a manipular conhecimento e experiência."

Deste modo então, supõe-se que a criatividade ocorre quando a pessoa consegue estruturar seus conhecimentos para descobrir algo novo. Esta atitude é por muitos chamada de *insight*.. Contudo, não se pode esquecer que a criatividade não é apenas lógica e raciocínio, ela depende também da intuição da pessoa para criar. Lembrando ainda, que a criatividade pode ser modificada através de vários exercícios,

ou mesmo, através da personalidade da pessoa, que pode ser ou não, mais favorável à criação.

Observa-se entretanto, que a maioria destas definições, permite comparar a criatividade com algo em movimento, pois ela está sempre provocando mudanças e transformações, seja de uma situação ou de um produto, procurando na maioria das vezes inovar ou criar.

Sendo assim, Kneller (1978) propõe agrupar as definições de criatividade em função do ponto de vista da pessoa que cria, dos processos mentais, das influências ambientais e culturais, e finalmente dos produtos, formando assim quatro categorias distintas.

Talvez pela dificuldade de definir claramente o que vem a ser criatividade, quase sempre encontra-se este conceito associado à inovação, inteligência, originalidade e intuição. Deste modo, objetivou-se distinguir cada um deles, procurando sempre clarear a definição de criatividade neste trabalho.

Além do mais, compreender o sentido de criatividade, significa ir ao encontro de novas possibilidades de uso desta, enquanto mais um recurso ou mesmo uma ferramenta, por exemplo, para programas de treinamento de profissionais, para implantação de novos programas dentro de uma empresa, etc. Sendo assim, é importante entender o que na real vem a ser criatividade para desta forma instrumentalizar-se e estar preparado para dela fazer uso.

3.2. Termos associativos

3.2.1. Inovação

É com grande frequência que encontramos inovação definindo criatividade, ou mesmo sendo usado para explicar o processo de criação.

Inovação e criatividade muitas vezes são sinônimos, sendo que o primeiro se refere com mais frequência à organização, e criatividade à indivíduos ou grupos de indivíduos (Alencar, 1995).

Entende-se por inovação o meio de aplicar as novas idéias. Inovar é o ato ou efeito de tornar novo, de introduzir uma novidade, que pode ou não ser fruto de idéias criativas. Para Mason (1974), inovação é outra forma de produção de idéias,

menos complexa em sua definição e aplicação. É a simples introdução de modificação de alguma coisa de maneira nova.

Inovação é acrescentar algo novo, que pode ser fruto de um processo criativo ou não, à um objeto ou serviço já existente, fazendo com que este torne-se diferente de modo evolutivo ou não.

Inovação pode ser definida também como um processo completo que começa pela busca de oportunidades ou problemas e tem sua continuação na descoberta e desenvolvimento de soluções tomando a forma de produtos ou serviços, seguido da sua implantação (Lyonnais e Houle-Rutherford, 1997)

A criatividade seria então um elo de ligação entre as diferentes fases da inovação. Fazendo parte dos três elementos centrais da inovação: as idéias, que é a maneira expressiva do pensamento criativo, que pode proporcionar soluções novas, diferentes e interessantes; seguido da escolha, momento em que analisamos, avaliamos, escolhemos e transformamos as idéias ou opções em soluções, e por fim a ação, que realmente comprova a inovação quando uma solução é colocada em prática e obtém um resultado, serviço ou produto, que vai de encontro com o desafio inicial.

A criatividade se resumiria então, nas habilidades de produzir idéias, escolher a melhor opção e finalmente executar.

A inovação começa à partir do indivíduo, com sua forma de pensar, de agir, pois é nele que reside a criatividade.

A inovação pode ser considerada como a manifestação da criatividade quando comparada com algo externo ao indivíduo. Em poucas palavras é um produto da criatividade.

3.2.2. Inteligência

Comumente defini-se por inteligente à pessoa que compreende com facilidade, que tem bom conhecimento e interpretação rápida. Contudo, observamos que o conceito de inteligência apresenta diversas definições, assim como o de criatividade.

No início do século, inteligência era medida em função do número de conexões estímulo-resposta (S-R) que a pessoa era capaz de realizar. Mais tarde, utilizando-se de testes, Binet introduz a idéia de quociente de inteligência (QI), que era dado em função do rendimento do indivíduo no teste. Outros pesquisadores vão fazer

uso da análise fatorial para classificar a inteligência de acordo com as habilidades gerais ou específicas.

Outros como Piaget, por exemplo, vão se preocupar com a evolução da inteligência na criança, procurando uma classificação por estágios de desenvolvimento.

Observa-se então, que o conceito de inteligência evoluiu muito com o decorrer do tempo, entretanto, quase sempre estava atrelado aos resultados dos inúmeros testes de inteligência, o que ainda ocorre com bastante frequência na atual era da inteligência artificial.

Por outro lado, é importante ressaltar aqui, que não apenas o conceito de inteligência evoluiu. Mas, hoje em dia já se permite falar em inteligência emocional, que pode ser compreendida como a capacidade que tem o indivíduo de relacionar-se com as pessoas, de refletir e levar em conta suas emoções, seu lado intuitivo.

Traçando então um paralelo entre a razão e a emoção, encontra-se vários estudos que correlacionam inteligência e criatividade. Kneller (1978), apresenta alguns estudos mostrando que uma pessoa altamente inteligente não é necessariamente criativa. Mas, quase toda pessoa altamente criativa é dotada de grande inteligência. Para este autor, a relação da inteligência com a criatividade também está no fato de um indivíduo inteligente ser capaz de produzir e perceber sua produção criativa, as idéias novas e originais e levá-las adiante.

A inteligência é um dos mecanismos da criatividade, quando entendida como habilidade para gerar algo novo e a partir do “mundo individual”.

3.2.3. Originalidade

Com muita frequência a criatividade é associada à palavra originalidade. Ser original é ser diferente, é encontrar um novo uso para um objeto, é uma maneira incomum de encontrar respostas para o habitual, é ter um comportamento diferente para responder à uma dada situação. Malzman (1960) distingue originalidade de criatividade dizendo ser este último a consequência do comportamento original, levando em conta a reação da sociedade.

Depois de muitos estudos realizados sobre o indivíduo criativo, destacou-se a originalidade como sendo também um traço característico das pessoas criativas. Ser criativo, é ser também original, é apresentar originalidade nas suas respostas.

Originalidade é a capacidade que tem um indivíduo de gerar, produzir respostas, idéias incomuns das habituais. Representa um traço bastante amplo da criatividade, sendo de difícil mensuração.

A originalidade representa muito mais uma qualidade da inovação. Mais uma vez se trata de comparação externa. Uma solução criativa pode ser muito original se comparada com outras soluções que o mesmo indivíduo produziu. Lembrando que neste trabalho, a criatividade, a originalidade depende da própria produção do indivíduo. A comparação é feita em função do que ele produz. Portanto, a originalidade de um determinado produto vai depender da comparação com as produções que indivíduo já realizou.

3.2.4. Intuição

Durante um bom tempo acreditou-se que criatividade era um dom especial, um privilégio de algumas pessoas. O ser criativo era uma pessoa rara e diferente, possuindo qualidades distintas das outras pessoas (Kneller, 1978).

O ato de criar era compreendido como a capacidade de pressentir, de perceber e de discernir um objeto, ainda que imaginário, na realidade.

Essa concepção foi muito enfatizada para explicar a produção artística, ou seja, o criador seria alguém que apresentasse esse dom, essa intuição para criar.

De acordo com Mirshawka (1992 p.34), intuição pode ser compreendida como “a percepção clara, íntima e penetrante de um fato, de uma verdade, de um evento ou de todo um campo de ação”. Na verdade intuição é essa força que existe dentro de cada um de nós, e que de certo modo é a base para qualquer idéia criativa ou não, base para qualquer atitude, qualquer ação que o organismo deve responder.

Como já dito anteriormente, a intuição está presente no íntimo, e depende da capacidade e habilidade para fazê-la emergir, e muitas vezes cabe confiar na força interior que cada um possui. Ela representa um tipo de “visão” própria de cada um, e pode estar relacionada com qualquer fato, evento ou assunto que envolve a pessoa num determinado momento.

Resumidamente, pode-se compreender a intuição como um mecanismo da criatividade.

3.3. A compreensão da criatividade pelas diferentes escolas psicológicas

De acordo com Alencar (1993), os estudos sobre criatividade e assuntos relacionados com este tema são relativamente recentes, tendo iniciado com Guilford em 1950, relacionando criatividade e inteligência. Aos poucos o interesse pelo assunto foi aumentando, e muitas são as teorias que procuram explicar e entender o processo de criação.

Contudo, existem diferentes maneiras de se estudar a criatividade. As relações entre criatividade e inteligência parecem ser o foco central dos estudos. Uma outra forma se dá com a preocupação de medir, avaliar o potencial criativo. O estudo da criatividade pode também direcionar-se as relações de criatividade e ensino e por fim, preocupar-se com o comportamento criativo.

Cada escola psicológica enfoca a criatividade de forma diferente. Entretanto, até o presente momento não existe uma única teoria universalmente aceita sobre criatividade. Apesar da diversidade, existem pontos em comum entre elas que facilitam o entendimento do processo criativo. Sendo assim, a abordagem de algumas escolas psicológicas, serão apresentadas a seguir.

3.3.1. A criatividade segundo o Behaviorismo

Para Watson o objetivo central do behaviorismo é a predição e o controle do comportamento. Segundo ele, “toda atividade humana é condicionada e condicionável” (Fadiman e Frager, 1986 p.191).

Assim, a escola behaviorista de hoje, ainda conserva marcas de seu antecessor. Para os behavioristas o processo criativo é decorrente de combinações mentais, isto é, para se encontrar uma idéia nova a pessoa necessita estabelecer ligações com idéias já armazenadas pelas experiências vivenciadas pela pessoa. As novas idéias surgem a partir destas conexões por um processo de tentativa e erro. A solução ou a idéia original é encontrada após várias tentativas (Kneller, 1978).

De acordo com este raciocínio, o ser criativo é alguém que tem a sua disposição diversas associações que possam ser combinadas com outras mais recentes para enfim se chegar a uma idéia nova.

Segundo Wechsler (1993), essa linha comportamental explica o funcionamento humano através da relação estímulo-resposta. O comportamento criativo seria explicado por esta relação. Dessa forma, a criação de um poema, de uma obra de arte, de músicas, e qualquer outro tipo de produção seria apenas o resultado das relações de estímulo-resposta. Quando existe uma acentuada produção para uma determinada tarefa indica que o ser criativo recebeu vários estímulos, que serviram como reforços positivos para que ele venha apresentar tal comportamento.

De acordo com Skinner (Fadiman e Frager, 1986 p.197), “a atividade criadora não é diferente de outros comportamentos, produzidos pelo ser humano. Apenas os elementos que precedem a atividade e a determinam são mais obscuros”, ou seja, são mais difíceis de serem explicados e compreendidos pelos behavioristas.

3.3.2. A criatividade segundo a teoria da Gestalt

Para os gestaltistas a criação inicia, quando existe uma situação problemática, um desequilíbrio, onde é necessário encontrar soluções. A criatividade seria então, a busca de uma solução para uma gestalt, a fim de formar o todo (Wechsler, 1993). Deste modo, o impulso criativo é justamente essa procura, essa busca do indivíduo por uma resposta ao problema, que de certo modo, seria inerente ao indivíduo. O impulso para criação, para solução de problemas inacabados, visa o fechamento da gestalt. O criador seria alguém sensível à percepção de problemas.

O pensamento produtivo de acordo com a Teoria da Gestalt, requer a reestruturação de um problema, onde é necessário realizar novas combinações de experiências passadas. (Alencar,1993). Para os gestaltistas, o importante é o que ficou da experiência anterior e a forma como vai ser aplicada numa nova experiência.

Esta teoria relaciona ainda, a criatividade com o *insight*, ou seja, o momento em que surge a solução, conhecido também como fase de iluminação, que acontece de forma inesperada, não podendo ser explicado por associações.

3.3.3. A criatividade segundo a Psicanálise

“ A arte é uma realidade convencionalmente aceita, na qual, graças à ilusão artística, os símbolos e os substitutos são capazes de provocar emoções reais. Assim, a arte constitui um meio-caminho entre uma realidade que frustra os desejos e o mundo de desejos realizados da imaginação - uma região em que, por assim dizer, os esforços de onipotência do homem primitivo ainda se acham em pleno vigor “. (Freud, 1986, XIII:223, in Raffaelli,1996)

De acordo com Kneller (1978 p.41), “a teoria da criatividade tem na psicanálise sua mais importante influente”. Para a teoria psicanalítica a criatividade tem sua origem num conflito do inconsciente. A “solução” de um problema surge no inconsciente, assim como, um distúrbio neurótico. Quando a “solução” é aceita pelo ego, o resultado é a expressão criativa, caso contrário ela poderá ser reprimida ou transformada em neurose.

Essa expressão criativa pode ser também uma forma de sublimar impulsos não satisfeitos, sublimar suas necessidades, fazendo com que o artista através de sua criação libere seus complexos reprimidos. Procurando pela arte libertar o id (conteúdos inconscientes), do que foi recusado pelo superego (“juiz”), e conseqüentemente, barrado pelo ego (defensor da personalidade).

Seguindo a idéia onde a arte é identificada ao sintoma e a percepção à consciência, Raffaelli (1996) faz uma análise da relação arte - psicanálise, onde ele coloca em evidência a compreensão da arte pela psicanálise como neurose sublimada.

De acordo com Raffaelli (1996) “a obra de arte não seria uma simples projeção dos conflitos de um artista, mas uma tentativa de resolvê-los simbolicamente numa atividade prospectiva à qual outras pessoas (o público) possam identificar-se”.

Assim, o que motiva a pessoa para o ato criativo é a procura da realização de um desejo ainda não satisfeito, é tornar real uma necessidade, e/ou uma forma de compensar ou corrigir situações que não foram prazerosas ao sujeito.

Para a psicanálise o criador seria alguém de personalidade flexível, capaz de contornar as exigências do ego, deixando fluir seus pensamentos, seus sonhos, suas fantasias que resultariam na criatividade.

Uma outra forma de abordar a produção criativa sob o enfoque da psicanálise, é de considerar que o ser criativo comporta-se de modo semelhante ao da criança, criando um mundo de fantasias, dando asas à imaginação, reproduzindo de certo modo as brincadeiras infantis. Contudo, fazendo distinção entre o real e o imaginário. (Alencar, 1993)

Essa mesma idéia nos é mostrada por Raffaelli (1996 p.12):

“O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade ...” (Freud, 1908)

“... o impulso criativo está presente em qualquer pessoa nos atos não-automatizados da vida cotidiana, não sendo, assim, privilégio dos grandes artistas.” (Winnicott, 1975)

Para o adulto uma determinada situação ou qualquer outro tipo de evento pode trazer de forma inconsciente ou não a lembrança de experiências vivenciadas anteriormente na infância, o que levaria a pessoa ao ato criativo como forma de “resgatar” os momentos agradáveis da infância (Kneller, 1978).

Desse modo, observa-se que o ato criativo é espontâneo, necessitando ele de liberdade para criar e fantasiar, seja para elaboração de uma obra literária, ou uma produção artística, ou ainda, para pequenas respostas à situações do nosso dia-a-dia.

A criatividade é vista pelos modernos psicanalistas como um produto do pré-consciente e não do inconsciente. Segundo eles, é no pré-consciente que existe maior facilidade e flexibilidade de se trabalhar com as idéias, contrariando assim, a posição de Freud, que acreditava que as idéias, as soluções para os conflitos surgiam no inconsciente. Os neopsicanalistas acreditam que o inconsciente apenas endurece a flexibilidade, pois estaria fazendo ligações mais estreitas com os conflitos e impulsos reprimidos pelo sujeito (Kneller, 1978).

Assim, a criatividade para teoria psicanalítica necessitaria de muita flexibilidade do indivíduo de modo a contornar seus conflitos inconscientes ou não, permitindo o aparecimento do ato criativo.

3.3.4. A criatividade segundo a Psicologia Humanista

Contraopondo-se a concepção freudiana, onde o homem busca pela criação uma redução dos impulsos, encontramos a psicologia humanista, que além de reduzir impulsos procura uma atividade em si. Tal psicologia teve seu início nos fins dos anos cinquenta com C. Rogers, e mais tarde por A. Maslow e R. May., com o objetivo de propor uma valorização do ser humano através da sua auto-realização.

Segundo Alencar (1993 p.50),

“Os seguidores da psicologia humanista dão ênfase ao valor intrínseco do indivíduo, que é considerado como um fim em si mesmo; ao potencial humano para desenvolver-se, para tornar-se, para auto-realizar; às diferenças individuais, ressaltando que os seres humanos têm talentos diversos, que merecem ser explorados e que devem ter condições para se desenvolver.”

Assim, como mostra Alencar, a psicologia humanista procura evidenciar que as habilidades, as capacidades encontram-se no próprio indivíduo, que nele está a força para suas realizações sejam elas criativas ou não. Lembrando ainda, que os seres humanos são diferentes e que a forma como eles encontram o momento criativo será diferente de um para outro, assim como, o que realiza um indivíduo pode não realizar outro. Considerando também que o desenvolvimento destes talentos, destas capacidades e habilidades vão depender das condições internas em que se encontra o indivíduo e também das condições ambientais onde ele está situado.

As condições internas aqui mencionadas são citadas por Rogers (1991) em sua teoria da criatividade. Segundo ele a criatividade se desenvolve quando a pessoa têm:

1. “Abertura à experiência” - capacidade do indivíduo de não prender-se a conceitos, não se manter rígido face à novos estímulos, é a capacidade de desprender-se totalmente da sua defesa psicológica, e ter flexibilidade nas suas percepções, hipóteses e opiniões.
2. “Lugar interno de avaliação” - é a própria confiança que o indivíduo tem de si mesmo, acreditando ser capaz de buscar a realização, não sendo necessário mudar sua própria essência em função das opiniões das outras pessoas. Ele cria para seu puro prazer, cria algo que lhe satisfaz, algo que na realidade exprime um pouco de si mesmo, seja de um bom momento, seja de um momento confuso do indivíduo. Mas na verdade expressam o que ele está sentindo. O indivíduo procura satisfazer suas necessidades. O que Rogers tenta enfatizar aqui é que o ser deve procurar prazer na criação e não apenas se conformar com o que esperam dele, o importante é criar por inteiro, ser eu pleno nas suas realizações.
3. “Capacidade para lidar com elementos e conceitos” - Está associada as outras duas formas anteriores, é a capacidade que tem o indivíduo de se adaptar, organizar e experimentar elementos e conceitos novos ou não, que lhes são oferecidos, é a habilidade que tem o indivíduo de manejar o que lhe é oferecido no presente, procurando de forma espontânea uma nova “saída”. Pode-se dizer que é o uso da inteligência.

Para Rogers (1991) para dizer que algo é criativo é preciso que possa ser observado por outros. Assim, a criatividade não é apenas originalidade, mas sim a possibilidade de ser colocada em prática, de se tornar algo real, observável.

Segundo ele, a motivação para criatividade estaria diretamente relacionada com a capacidade de auto-realização do indivíduo, que pode ser considerada como uma necessidade intrínseca do mesmo. Essa motivação, também pode ser relacionada com a cura psicoterápica, que no fundo busca a satisfação e realização do indivíduo em toda sua essência.

Mais uma vez Rogers faz um paralelo com o desenvolvimento da criatividade e a psicoterapia. Para ele, ambas situações necessitam, para facilitar o andamento dos dois processos, primeiramente de segurança psicológica, que é estabelecida por três processos associados: 1. Aceitação do indivíduo como um valor incondicional, como ser único; 2. Clima favorável e sem avaliação externa; 3. Compreensão empática, ou seja, procurando entrar no mundo da pessoa para realmente compreendê-la. E juntamente à segurança, a liberdade psicológica, que pode ser compreendida como uma completa liberdade de expressão simbólica, favorecendo o jogo espontâneo que resulta na criatividade.

Assim, o posicionamento de Rogers nos permite dizer que para o desenvolvimento da criatividade é necessário estar gozando plenamente da sua saúde física, e principalmente da sua saúde mental.

No que concerne a saúde mental, Maslow também apresenta um posicionamento semelhante ao de Rogers. Para ele o indivíduo só pode criar quando é aceito, amado e respeitado pelos outros e por si mesmo. Ele acredita que a criatividade depende da capacidade do homem em estar preparado para receber e perceber novas experiências. Para Maslow a tendência do homem para se auto-realizar corresponde ao próprio processo criativo enquanto Rogers considera como motivação para criatividade (Alencar, 1993).

A criatividade segundo Maslow, apresenta três estágios diferentes. O primeiro - criatividade primária, onde se dá a inspiração, ocorre de forma espontânea, podemos chamá-lo de processo lúdico. Criatividade secundária - que utiliza conhecimentos anteriores e tem por base o trabalho sistemático, ou seja, para que ocorra criatividade é preciso muito trabalho, dedicação. E por fim, a criatividade integrativa - resultado de ambas as formas de criatividade, nela encontram-se as grandes obras criativas (Alencar, 1993).

Segundo Wechsler (1993), outro humanista que também aborda a teoria da criatividade é Rollo May. Para ele a criatividade é o encontro intenso com uma idéia, é um envolvimento total do indivíduo com pensamentos voltados para o assunto em questão, direcionando à busca de soluções, ao famoso *insight*. Tal envolvimento

correlacionaria componentes físicos, como perda de sono, de apetite, etc. e componentes psicológicos (tensão, ansiedade, etc.), os quais estão intimamente relacionados com as emoções do sujeito e com sua própria capacidade de auto-realização.

Observa-se que todos os humanistas acreditam que em cada ser humano existe um potencial criativo a ser desenvolvido, cada um apresenta sua habilidade. Assim, a auto-realização como condição essencial para ocorrência da criatividade, necessita dar margens para que este potencial possa emergir. Da mesma forma, observamos também, que a interação da pessoa com o ambiente que a rodeia é de extrema importância para existência do processo criativo. Para criar, o ser humano precisa não somente de motivação, como de estímulos, liberdade de escolha, auto-confiança e um ambiente capaz de apoiar e facilitar o processo de criação.

3.3.5. A criatividade segundo o Psicodrama

“Para que tenhamos o prazer de nos sentirmos vivos é preciso que nos reconheçamos como agentes do nosso próprio destino. Quando somos reduzidos à condição de peças de engrenagens, nas quais somos colocados sem o reconhecimento de nossa vontade, impedidos de iniciativa pessoal, estamos privados de nossa espontaneidade.” (Gonçalves, 1988 p.46)

O psicodrama foi fundamentado por Jacob Levi. Moreno, no início do século XX, em Viena Áustria. Em oposição a psicanálise Freudiana, a teoria psicodramática nasce com uma proposta inovadora de trabalho em psicoterapia. Na psicologia tradicional o terapeuta mantém-se isento da ação do drama terapêutico, enquanto no psicodrama a proposta é que o mesmo terapeuta interatue com o paciente de forma espontânea e criadora, objetivando encontrar o “homem espontâneo”.

O homem espontâneo, na visão moreniana, apresenta desde o seu nascimento, recursos inatos como espontaneidade, criatividade e sensibilidade. Entretanto, estes recursos podem ser perturbados durante o desenvolvimento do ser, por condições ambientais e sociais constrangedoras. O que levaria o indivíduo a recuperá-los através de novas ou renovadas relações afetivas ou ainda, através de ações que possam transformar o meio (Gonçalves, 1988).

O psicodrama tem como ponto central a teoria da espontaneidade-criatividade. A espontaneidade seria um fator situado entre os fatores ambientais e

hereditários, ressaltando que a espontaneidade não é apenas um só fator, mas a integração dos dois. É uma “região” relativamente livre e independente de determinantes biológicos e sociais, é uma região onde novas combinações de atos e de transformações, de escolhas e de decisões são formadas, e de onde surge o poder da invenção e a criatividade humana.

A espontaneidade pode ser definida como "uma resposta adequada a uma situação nova e uma resposta nova a uma situação antiga" (Moreno, 1987 p.93). Moreno fala de espontaneidade como "catalizador" que liberaria a criatividade. Criatividade é improvisação, é a originalidade do indivíduo dotado de poder criador.

Para o psicodrama, ser espontâneo é fazer o oportuno no momento necessário. Não é apenas dar qualquer resposta à qualquer momento, em qualquer lugar, e de qualquer maneira, o que muitas vezes pode ser considerado como espontaneidade patológica. A resposta deve ser pessoal, integrada, e não uma repetição ou uma citação inerte, separada de sua origem e de seu contexto.

Para Moreno a personalidade criadora do homem, ou seja, sua predisposição para criar, se desenvolve desde os primeiros instantes de vida. A espontaneidade e criatividade são naturais na criança e estão presentes em praticamente todos os momentos do dia-à-dia. Para a teoria psicodramática o nascimento é visto como a primeira forma do ser humano demonstrar sua espontaneidade, visto que ele sai de uma situação confortável, de um ambiente acolhedor e protetor para um mundo ao qual ele ainda não está totalmente preparado, sendo “obrigado” a adaptar-se as novas situações.

O psicodrama acredita no homem espontaneo-criador, que está em busca da liberação da sua espontaneidade. Entretanto, a sociedade tende a direcionar o homem para situações seguras, sem grandes mudanças, situações em que ele possa estar preparado para evitar o sofrimento, colocando assim, limites em sua espontaneidade e consequentemente na criatividade (Bustos, 1992).

A proposta da teoria psicodramática é de recuperar a espontaneidade e criatividade do homem, rompendo com padrões de comportamento, com valores, com normas, ou seja, o que Moreno chama de conserva cultural, que acabam por automatizar as respostas do ser humano. Assim, o psicodrama procura adequar e ajustar o homem a si mesmo, para que ele possa agir de forma espontânea nas situações em que ele deve estar presente, e ainda, para que ele possa ser livre para transformar os aspectos insatisfatórios das situações que lhe aparecem.

A criatividade aos olhos do psicodrama é algo inato ao ser humano, que está presente desde os primeiros instantes de seu nascimento. Faz parte do fator espontaneidade que lhe garante condições de atualizar-se e manifestar-se.

3.4. A pessoa criativa

Em grande parte da literatura encontrada, observou-se que as características pessoais influem diretamente no processo criativo, ou seja, a própria personalidade do sujeito, o modo como ele percebe e responde a certos estímulos. Algumas destas características são chamadas de traços criativos. Abaixo encontram-se alguns traços que mais se fazem presentes entre os autores.

- Flexibilidade - característica da pessoa que é aberta à experiências, que tem facilidade de encontrar diversos usos para um determinado material, produto...
- Fluência - alguém capaz de produzir grande números de questionamentos, soluções, idéias.
- Originalidade - capacidade de produzir idéias incomuns, raras. É ir além do tradicional, pode também ser compreendida como a capacidade do indivíduo de fazer relações pouco habituais.
- Sensibilidade de percepção - característica essencial para captar um problema, para perceber que algo deve ser modificado.
- Fantasia e imaginação - capacidade de sonhar acordado, de imaginar a associação de coisas completamente distantes.
- Inteligência - ser capaz de reconhecer sua própria criatividade, proporcionar abertura a descoberta de novas soluções, ser curioso, ter forte desejo de buscar alternativas; respostas.
- Persistência - característica imprescindível para se encontrar outras alternativas, para chegar a um resultado final. O indivíduo deve ser persistente para solucionar os problemas que lhe aparecem, deve persistir na busca de uma resposta.
- Autoconfiança - o indivíduo deve ser capaz de acreditar nas suas idéias, ter fé, confiança que pode realizar o que está imaginando e acreditar na sua capacidade e reconhecer suas habilidades.

Outros traços que são frequentemente encontrados de forma mais acentuada nos indivíduos criativos: humor, versatilidade, inconformismo, intuição, independência, decisão, ambição, alta motivação e curiosidade.

releptor

3.5. As etapas que resultam na criatividade

Para melhor entender como chega-se a um resultado dito criativo, é preciso primeiro compreender como é formado este processo que normalmente é chamado de processo criativo. Para os vários autores encontrados, este processo é constituído por etapas que se modificam em função do autor que as apresenta. Entretanto, encontra-se semelhanças de uma abordagem para outra. Por esta razão, serão apresentadas algumas das abordagens encontradas sobre este assunto.

Csillag (1991) apresenta sete abordagens diferentes para explicar as fases do processo criativo. Segundo ele, existe uma certa concordância com relação ao conteúdo apresentado por elas, o que difere normalmente é a forma, ou seja, a sequência processual. Ele apresenta as seguintes abordagens:

- Wallas
- Morgan
- Simon
- Parnes
- Simon/ Brightman/ Van Gundy
- Von Fange
- Kneller

A primeira abordagem - **Wallas** - é também citada por outros autores, e parece ser bem conhecida e aceita sua explicação sobre as fases do processo criativo. Nesta abordagem, existem quatro fases que se propõem a dar conta da ocorrência de novas idéias.

- **Preparação** - representa a primeira fase do processo. Neste momento o problema é investigado em todas as direções, procura-se recolher todos os dados possíveis sobre o assunto em questão.

- **Incubação** - é o segundo estágio do processo e justamente o que fez esta abordagem tornar-se conhecida. Para Wallas, neste momento o indivíduo não pensa exclusivamente no problema, outros acontecimentos aparecem naturalmente de forma inconsciente, fazendo com que o sujeito se desligue. Acredita-se que a atenção ao problema se dá inconscientemente, podendo o sujeito estar trabalhando em outro assunto ou apenas livre de qualquer trabalho mental.

- Iluminação - é o momento em que surge a idéia, a solução. Ocorre normalmente de forma espontânea e inesperada.

- Verificação - é a última fase do processo, nesta etapa o sujeito faz uma avaliação da idéia ou solução que lhe surgiu anteriormente, o que muitas vezes pode levar a pessoa a reformular suas propostas ou mesmo abandonar o seu problema.

Na abordagem de **Morgan** o processo criativo é explicado por cinco fases distintas, sendo elas:

- Definição do problema - considerado o estágio de maior dificuldade, pois o que leva mais tempo é justamente definir a problemática, após este período considera-se que a resposta aparece rapidamente.

- Coleta de informações - após definido o problema, procura-se recolher o maior número de informações possíveis sobre o assunto.

- Pesquisa de idéias - aqui deve-se procurar recolher o maior número de possibilidades que se encaixem ao problema.

- Incubação - momento em que o sujeito libera seus pensamentos conscientes sobre o problema e deixa o inconsciente trabalhar para encontrar a solução.

- Avaliação - fase onde a solução é verificada.

Outra abordagem é a de **Simon** onde apenas três fases procuram explicar o processo.

- Inteligência - é a primeira fase proposta por Simon, nela deve se reconhecer o problema e coletar informações sobre este a fim de poder formular uma definição do mesmo.

- Projeto - nesta etapa são desenvolvidas várias soluções para o problema.

- Escolha - finalmente a opção mais conveniente é selecionada.

A abordagem seguinte é a de **Parnes** que desenvolveu uma metodologia comportamental para descrever o processo criativo. Segundo ele existem cinco etapas para se explicar o processo criativo, sendo que cada etapa apresenta uma sequência de passos.

- Procura de dados
- Procura do estabelecimento do problema
- Procura de idéias
- Procura da solução
- Procura da aceitação

A Abordagem de **Simon/Brightman/Van Gudy** explica o processo criativo subdividindo as fases do modelo de Simon.

- A primeira fase - inteligência - é iniciada com um estímulo ambiental que provoca uma situação problema. Assim, esta fase se subdivide em três etapas: pesquisar e avaliar informações do problema; gerar definições de problemas alternativos; selecionar uma definição do problema. Estas três subfases vão estabelecer o problema e seguir para a fase seguinte.

- A segunda fase - projeto - inicia com a busca de soluções prontas para resolver o problema. Caso a solução não seja encontrada, propõe-se gerar técnicas de criatividade e finalmente optar por uma delas. Logo, esta fase termina quando soluções são geradas para enfrentar o problema.

- A terceira fase - escolha - começa com uma pesquisa de informações para avaliar as soluções propostas; logo aparecem as consequências da solução e termina com a seleção de uma solução tentativa. Terminado este ciclo a solução encontrada é implementada.

A abordagem de **Von Fange** é apresentada em seu livro *Criatividade Profissional* (1971, p.124). Ele não fala de fases do processo criativo, mas sim de fases para solução de problemas. Segundo ele, pode-se considerar um “problema” tudo que procuramos melhorar. O problema normalmente inicia com um desejo, um objetivo pessoal e termina com a concretização de um resultado. Assim, para dar conta deste processo ele propõe as seguintes etapas:

- Primeira fase - investigar a direção - procura-se colher dados, elementos seguros que possam indicar a direção a ser seguida no desenvolvimento do trabalho.

- Segunda fase - estabelecer medidas - definir limites e prazo de acordo com os recursos disponíveis para examinar as soluções.

- Terceira fase - criar métodos - considerar todas as orientações ou métodos possíveis para atacar o problema.

Essas três fases compõem a primeira etapa da busca pela solução de problemas, para o autor elas formam o que ele chama de compreensão de soluções satisfatórias que visam objetivos úteis, resolvendo dessa forma nossas próprias dificuldades.

- Quarta fase - melhorar a estrutura - com as criações da fase anterior, mais as outras já existentes, conhecidas e testadas melhorar a estrutura do plano proposto, da solução.

- Quinta fase - completar a solução - neste momento são verificadas todas as alternativas propostas para solucionar o problema. Procura-se nesta fase completar a solução.

- Sexta fase - convencer outras pessoas - após realizado todo o trabalho até a fase anterior, pretende-se neste momento apresentar à terceiros os pontos favoráveis da solução encontrada e assim convencê-los.

Essas três fases formam a segunda etapa que de acordo com Von Fange constituem a totalidade dos esforços pessoais no sentido de preparar cada pessoa para as críticas.

O autor lembra que a sequência de fases apresentadas não é rigorosa, podendo o indivíduo apresentar uma forma diferente de encontrar sua solução, visto que, não se pode determinar um limite de tempo para cada uma delas, cada um tem o seu tempo.

No livro “Arte e ciência da criatividade” (1978) **Kneller** apresenta as cinco fases que segundo ele descrevem o processo criativo.

- **Apreensão** - é o momento em que o criador tem o “insight” da idéia ou do problema que ele deve resolver. Nessa fase o indivíduo percebe que existe um problema. A apreensão dá a direção e propósito à exploração do criador.

- **Preparação** - é a fase de pesquisa, de investigação, nesse momento o sujeito coleta informações sobre o assunto em questão, é o momento de explorar tudo, as vias e direções do seu presente estudo ou idéia. Para o autor é a segunda espécie de exploração.

- **Incubação** - momento em que o sujeito pensa, analisa, investiga o assunto sem encontrar para isto a solução. Este período ocorre quando o sujeito pensa sobre o assunto em questão, tem consciência do que procura e reflete, ou ainda, de forma inconsciente, quando ele está pensando em outra coisa qualquer, ou também nos momentos em que está com o pensamento liberado de qualquer informação. É um período onde o inconsciente se faz presente, as idéias do indivíduo são “apagadas” e deste modo as possíveis conexões são realizadas. Esta fase representa um dos períodos mais importantes para o processo criativo.

- **Iluminação** - é o momento em que o sujeito tem o famoso ‘insight’, onde ele acha resposta para seu problema. É nesta fase, que ele após fazer o encadeamento, descobre alternativas que possam ser utilizadas na solução do seu questionamento. Ocorre de modo espontâneo e não esperado, nesta etapa o criador descobre várias possibilidades para seu problema, o que faz com que ele trabalhe arduamente até finalizar suas idéias.

- Verificação - representa a última fase do processo criativo, momento em que o indivíduo faz sua opção e representa de fato. Ele busca nessa fase uma confirmação para todos seus questionamentos anteriores. É uma fase de avaliação, onde o criador pode testar a solução encontrada, podendo mesmo abandoná-la, nesta etapa ele coloca em prática seu lado lógico e racional em busca da melhor opção.

Ainda na literatura Alencar (1993) apresenta outras propostas de compreensão do processo criativo. Primeiramente, ela cita a de Poincaré, que já no início do século falava em diferentes fases para se estudar o processo criativo. Para ele, o processo iniciava com a fase de preparação, onde o sujeito reflete, pesquisa e calcula; a fase seguinte seria a do amadurecimento de idéias; a terceira fase, chamada de fase da iluminação, momento em que emerge uma síntese escolhida por uma sorte de sensibilidade estética; e finalmente a última fase, onde ocorre a verificação de idéias.

Outro autor citado por Alencar foi Helmholtz, que dividiu o processo criativo em três etapas. A primeira ele chamou de saturação, momento em que seriam recolhidos todos os dados possíveis para se desenvolver novas idéias; a segunda foi chamada de incubação e a terceira de iluminação, onde finalmente as respostas aparecem.

Uma outra abordagem apresentada por Alencar sobre a análise do processo criativo foi realizada por Leontiev e Smirnov, a partir do estudo da criação científica, que envolve num primeiro momento a preparação, que seria a formulação do problema, elaboração das hipóteses e do método de investigação; a segunda pode ser considerada a própria investigação, onde se dá o teste das hipóteses e a solução do problema, a etapa final seria a de verificação, onde é feita a comprovação.

Mais recentemente Mirshawka (1992) apresenta uma outra proposta de compreensão do processo criativo, enfatizando que cada uma das seis etapas representam na realidade um processo em si. A primeira etapa - questionamento - onde a pessoa descobre que existe um problema ou algo que lhe desperte o interesse, surge então um vínculo com o tema e aparece o gosto pela descoberta. Em seguida, na fase da coleta de dados, a pessoa se encarrega de procurar informações, dados, observações sobre o assunto em questão. Na etapa de incubação inicia-se o processo de germinação da idéia, o indivíduo fica mais reflexivo, e trabalha ora de modo consciente ora de modo inconsciente até encontrar uma pista. E dessa forma ele chega a fase de iluminação, que é justamente marcada pela descoberta, pelo 'insight'. A quinta etapa é marcada pela verificação da hipótese, ou seja, a realização da obra, e leva o nome de elaboração. Finalmente, a última etapa, chamada de comunicação, é marcada pela apresentação da idéia, do que o sujeito elaborou durante este processo. De certa forma, é uma fase de

confirmação, pois o sujeito apresenta sua idéia e em seguida tem o retorno dos outros a respeito do assunto.

Este mesmo autor, apresenta o processo criativo segundo Alex Osborn, que distingue sete etapas para criação, são elas: orientação (determinação do problema); preparação (coleta dos dados); análise (separação do material relevante); idealização (acumulação de idéias); incubação; síntese e avaliação.

Observando todos estes diferentes modos de definição do processo criativo, pode-se concluir que a duração deste processo é variável de um indivíduo à outro, assim como, cada etapa deste mesmo processo é extremamente pessoal. Além do mais, é preciso levar em consideração o estado em que se encontra a pessoa durante o processo criativo, ou seja, as condições ambientais, sociais, culturais e também, o estado emocional do sujeito no momento. Todos estes fatores, mais a necessidade, as habilidades, o conhecimento e os valores, influem durante o processo criativo, influem no tempo e na qualidade.

3.6. Dificuldades encontradas no processo criativo

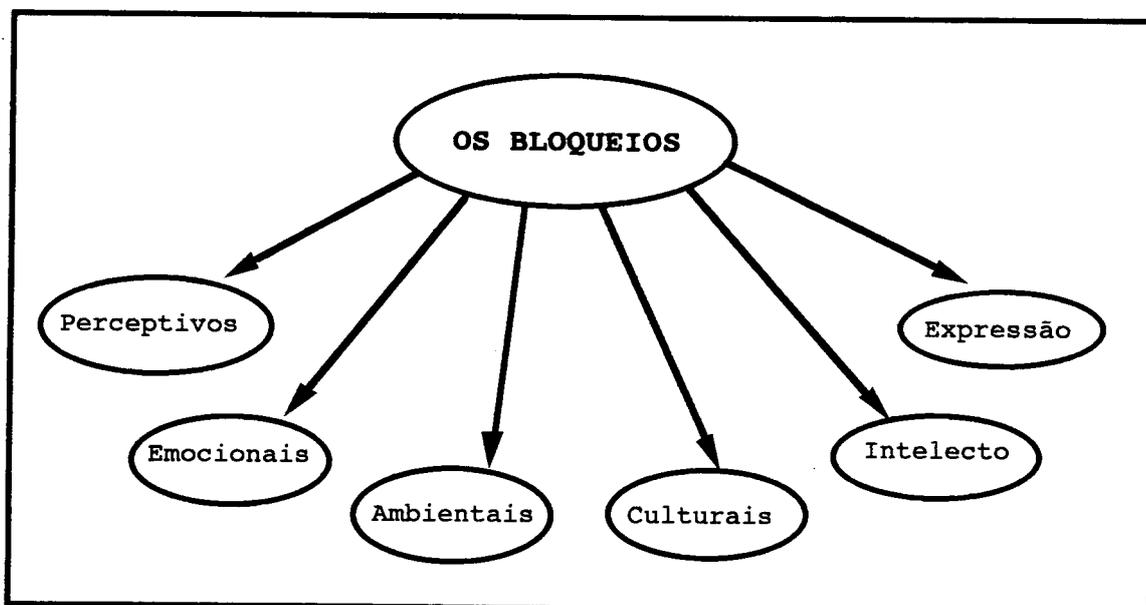


Figura 02 Os bloqueadores

Várias são as formas que dificultam o desenvolvimento do processo criativo. Comumente estas dificuldades são chamadas de bloqueios ou barreiras e podem apresentar diversas origens e estar relacionados com a percepção, com as emoções, com fatores ambientais e culturais, ou ainda, podem ser bloqueios de intelecto e expressão.

Os bloqueios culturais constituem uma forte barreira para o desenvolvimento da criatividade. Eles impedem o indivíduo de apresentar de modo espontâneo e natural sua idéia, reprimindo assim a motivação do sujeito para criatividade. Esses bloqueios são originários da cultura a qual pertence o indivíduo e formam-se ao longo da vida da pessoa, é através da cultura que adquire-se a noção de moral, os conceitos e os valores. É pela cultura que recebe-se o reforço ou a punição dos comportamentos apresentados, idéias, opiniões e da própria criatividade. Tais bloqueios freiam a formação da imaginação, enrigecendo aos poucos a capacidade de criação de cada um.

Segundo Kneller (1978), os bloqueios culturais são amplamente reforçados pelo sistema educacional, que de certa forma é um reprodutor da cultura dominante. Este mesmo autor, ressalta que não apenas os bloqueios culturais impedem a criação, mas existem além destes, outros grandes inimigos à criação que estão relacionados com a personalidade do indivíduo, são eles: ignorância, medo e falta de confiança.

Para Alencar (1993), os bloqueios culturais estão relacionados com o processo de socialização, que se inicia na infância, onde certos padrões de comportamentos são estabelecidos, reforçados ou punidos em função do sexo, do grupo e das normas sociais. O que existe neste processo é uma procura de uniformização do comportamento, desencorajando o indivíduo à arriscar-se em novos caminhos, à buscar diversidade e originalidade, tentando assim, colocar o indivíduo dentro dos padrões e das normas aceitas pelo seu grupo.

Algumas vezes pode ocorrer confusão entre os bloqueios culturais e os bloqueios ambientais. Por esta razão, vale ressaltar que as barreiras culturais são adquiridas através de um conjunto de padrões e normas culturais, enquanto as ambientais vêm através do ambiente social, onde o indivíduo pode encontrar falta de cooperação, de confiança, de segurança, e também, através do ambiente físico, representado por sons como músicas, ruídos, barulhos, ou ainda, pela temperatura, luminosidade, etc.

Os bloqueios de origem perceptiva, segundo Adams (1994), podem ser compreendidos como a dificuldade de entender o problema e a informação para resolvê-lo. Estes bloqueios normalmente encontram-se em pessoas pouco flexíveis, que não conseguem visualizar mais que uma alternativa para o problema, apresentam grande

resistência em sair do modelo tradicional, e ainda possuem dificuldade para conceber diferentes e inovadores usos para um determinado objeto. Na verdade, estes bloqueios dificultam o processo criativo por estarem relacionados com algumas idéias pré-concebidas, que dessa forma vão dificultar a possibilidade do sujeito em aceitar diferentes usos para um mesmo objeto. Outra dificuldade está em isolar o problema quando este aparece, saber detectar realmente qual o problema central, e assim, partir para a busca de uma solução adequada. Por outro lado, algumas pessoas tendem a delimitar em demasia a área do problema, o que também vem a dificultar a busca de soluções e principalmente, a possibilidade de imaginação e criatividade.

As barreiras emocionais por sua vez, estão ligadas à conflitos pessoais que interferem na liberdade de expressão do sujeito, na capacidade de exploração e de manipulação de idéias e na habilidade de comunicação. Estes bloqueios estão relacionados com a auto-estima do sujeito, e certamente com o valor que ele coloca nas suas próprias idéias e invenções. Também estão relacionados com o medo que tem o sujeito com relação as críticas, o medo de ser punido e ridicularizado perante outros, favorecendo uma atitude mais passiva do sujeito, fazendo com que este arrisque menos para evitar tais situações. Esta atitude passiva faz com que o sujeito tenha preferência em julgar idéias e não gerá-las.

Além destas barreiras encontra-se os bloqueios de intelecto e expressão. O primeiro representa a dificuldade que tem a pessoa em escolher uma solução adequada para os problemas, devido à uma carência intelectual e os de expressão são marcados pela dificuldade em expressar idéias tanto para os outros como para si mesmo.

Como visto até agora, para se apresentar todo e qualquer tipo de comportamento, o indivíduo precisa fazer uso de fatores como: necessidades, conhecimento, habilidades e valores. Sendo assim, acredita-se que estes fatores também são influenciadores no desenvolvimento do processo criativo, e por sua vez, também podem apresentar-se como barreiras ao processo de criação, dificultando a expressão da criatividade.

Considera-se os valores como o grau de importância que o indivíduo dá a um determinado produto ou situação. É um aspecto cultural que contribue para o desenvolvimento das características individuais (Lezana, 1996). Estes são adquiridos ao longo da formação do indivíduo, reproduzindo os padrões sociais, as normas e regras da sociedade na qual a pessoa está inserida. Sendo assim, pode-se dizer que os valores são os primeiros bloqueadores do processo criativo. Isto porque, o indivíduo aprende desde muito cedo a não dar “asas à imaginação”, e assim, não pensar criativamente, deixando de lado sua capacidade criadora em detrimento do que é valorizado pelo mundo que o cerca. Mas, é de se notar, que dependendo da construção, da formação destes valores, em alguns casos ele pode funcionar positivamente, isto é, quando um

indivíduo é reforçado à comportamentos criativos durante seu desenvolvimento, os valores que ele terá no futuro certamente estarão ligados à dar importância à produção criativa. Os valores estão presentes nas etapas do processo criativo, seja de modo positivo ou negativo, bloqueando com maior ou menor intensidade o momento da criação.

As necessidades também formam um bloqueio ao processo criativo, por serem formadas e reformuladas, em função do quadro de valores que apresenta o indivíduo, e ainda, em função das suas expectativas presente e futuras. Nestas necessidades encontram-se implicitamente a influência dos valores e de traços de personalidade que são essenciais para elaboração de qualquer novidade.

O conhecimento e as habilidades fazem parte dos bloqueios intelectuais e de expressão conforme mencionados acima. O conhecimento que possui a pessoa sobre um determinado assunto, pode facilitar e levar o indivíduo a criar mais facilmente a respeito do tema em questão. Do mesmo modo, o pouco conhecimento pode funcionar como bloqueador à criação, isto porque, o indivíduo encontra-se limitado à produzir, apresentando dificuldades em lidar com suas habilidades, com diferentes idéias, e em fazer novas conexões. É importante lembrar, que as habilidades podem ser desenvolvidas durante toda formação do ser humano, e para isto, é preciso que o sujeito esteja aberto a aquisição de novos valores e conhecimentos. Logo, as habilidades funcionarão como facilitadoras do comportamento para criação, procurando sempre auxiliar o indivíduo no processo criativo.

Assim, conclui-se que o processo criativo apresenta diversas formas de bloqueios que impedem seu desenvolvimento. Estes bloqueios aparecem interrelacionados, o que vem a reforçar a dificuldade do indivíduo para criação. As pessoas que apresentam dificuldade para solução de problemas, normalmente apresentam uma combinação destes.

3.7. Definição

Conforme os posicionamentos anteriores, pode-se dizer que a escola behaviorista compreende a criatividade como resultante de um processo de tentativa e erro, feito pelo sujeito que utiliza seus conhecimentos anteriores para achar uma nova solução. É uma relação de estímulo-resposta, a medida que ele é motivado ele emite uma resposta, formando um ciclo até encontrar a solução adequada, desejada, ou mesmo a solução dita criativa.

De certa forma pode-se dizer que a teoria da Gestalt compartilha dessa concepção, visto que, ela percebe a criatividade como a busca de uma solução para encontrar o equilíbrio, para formar o todo.

Já a teoria psicanalítica compreende a criatividade como uma forma de sublimar as necessidades não satisfeitas do indivíduo. É pela criatividade que o sujeito procura resolver simbolicamente seus problemas.

Os humanistas por sua vez dizem que criatividade é um comportamento que leva o indivíduo a auto-realização. Considerando, que através deste a pessoa deve procurar satisfazer suas necessidades. Para esta abordagem, a criatividade depende também da percepção do sujeito à novas experiências, o que de certa forma, está relacionado com seu modo de ser, seu conhecimento, seus valores, suas necessidades e habilidades e ainda com a maneira que ele tem de perceber seu ambiente.

O psicodrama por sua vez, acredita que a criatividade é o resultado de novas combinações de idéias, comportamentos, pensamentos, ou ainda, o resultado de transformações destes mesmos fatores. Criatividade na visão psicodramatista é o resultado do uso da espontaneidade.

Com base nestas definições, considera-se que criatividade é a habilidade que tem um indivíduo de relacionar seus conhecimentos, suas habilidades para satisfazer uma necessidade, seja ela pessoal ou não, usando para isto, combinações novas que possibilitem um resultado inovador no seu contexto.

Criatividade é então a habilidade de construir algo novo, para si ou para seu ambiente. Considerando que a habilidade estaria relacionada com a capacidade (ou com o uso dela), a qual por sua vez também está relacionada com a personalidade do sujeito, dado este que pode ser observado pelas diferenças interpessoais.

Assim, é importante considerar, que o desenvolvimento desta habilidade estaria relacionado com a necessidade de auto-realização do sujeito.

Desse modo, a criatividade pode ainda ser compreendida como uma forma de comportamento, visto que, ela visa também satisfazer uma necessidade do indivíduo. Logo, o comportamento criativo é aquele que através da criação está sempre buscando uma forma nova para satisfazer suas necessidades.

Baseado nisto, supõe-se que o pensamento criativo é um modo diferente, inovador, de combinar idéias, usando para isso o conhecimento, as habilidades e experiências do indivíduo.

Assim, a criatividade é vista também como um comportamento original, ou seja, é usar de modo novo, diferente algo que já existe, é encontrar um novo uso, uma nova solução para o que já é costumeiro. Comportamento original é ser diferente no uso do seu comportamento, no seu modo de pensar, de usar suas idéias, o que faz considerar originalidade como uma qualidade da criatividade.

Enfim, compreende-se por produção criativa toda e qualquer produção do indivíduo, sendo ela comparada com suas produções anteriores, para que seja considerada criativa ou não. Logo, a produção criativa é na sua essência algo puramente subjetivo e próprio do indivíduo, que só pode ser dita criativa, quando superar as expectativas de seu próprio autor, em outras palavras, é a superação de si mesmo. Lembrando que esta superação de si mesmo, pode também, ser a superação do seu ambiente, isto significa, ser considerada criativa não só para o autor, mas também para seu ambiente.

Entretanto, ao falar em produção criativa, a primeira pergunta que vem à mente é o que leva o indivíduo a criar. Tal questionamento conduz ao impulso criativo, que pode ser compreendido como toda e qualquer forma de ação que leva o indivíduo a criar, pode ser considerado como algo que motiva a pessoa para criar, e que se encontra em todos os momentos e situações da vida de uma pessoa. Lembrando, que o impulso criativo não deve ser considerado como uma reação pronta do sujeito, mas sim uma ação natural, espontânea.

Este último termo, impulso criativo, é quase sempre confundido com ato criativo, que é a ação em si, é o comportamento usado para realizar a ação num momento preciso. É uma atitude do sujeito num determinado momento. E por falar e momento, considera-se por momento criativo a hora H, o instante em que ocorre a criação, ou seja, é o momento do *insight*.

Procurou-se neste trabalho compreender a criatividade à luz do comportamento. Para tanto, utilizou-se como referência o modelo comportamental proposto por Longen (1997), para analisar os passos que existem a fim de encontrar um resultado criativo. Em outras palavras, buscou-se compreender o processo criativo em si.

Assim, define-se criatividade como:

A habilidade que tem um indivíduo de relacionar seus conhecimentos, suas habilidades, para satisfazer uma necessidade, seja ela pessoal ou não, usando para isto, combinações novas que possibilitem um resultado inovador no seu contexto.

Capítulo 4 : O PROCESSO CRIATIVO

4.1. Introdução

No presente capítulo objetiva-se estudar o processo criativo, como ele ocorre, que etapas e fatores fazem parte deste processo. Tal análise será fundamentada no processo comportamental anteriormente estudado e nos conceitos de criatividade.

Considera-se que o processo comportamental é formado por etapas que obedecem a uma determinada sequência de comportamentos, iniciando com um evento possivelmente motivador e terminando com a realização do comportamento. Do mesmo modo, observa-se que o processo criativo também obedece a uma sequência de comportamentos, ou seja, o que pode ser chamado de fases do processo criativo. Sendo assim, buscou-se correlacionar as fases do processo comportamental com as fases do processo criativo.

Conforme visto anteriormente, com as diferentes abordagens teóricas, observou-se que o estudo do comportamento e do próprio processo comportamental apresentam vários enfoques. Cada linha teórica enfatiza mais um determinado momento que outro. O mesmo ocorre com a definição de criatividade, que apresenta uma vasta gama de definições que procuram explicar o que é na realidade criatividade.

Logo, não é por acaso, que o processo criativo, situado entre estes dois conceitos, apresente também várias explicações sobre sua formação e ocorrência.

Enfim, acreditar na existência do processo criativo é confirmar que criatividade não acontece por acaso, mas sim que ela depende da presença de alguns fatores que vão formar todo o encadeamento do processo de criação, o qual terá como resultado um produto criativo, aqui entendendo produto criativo como uma situação, um comportamento ou mesmo um produto em si.

É importante lembrar, que criatividade é uma habilidade. Logo, o resultado obtido, a resposta final expressa pelo comportamento manifesta esta habilidade como inovação ou originalidade.

4.2. Como ocorre o Processo Criativo

Assim como o processo comportamental, o processo criativo também ocorre por etapas, que também são chamadas de fases. Tanto no processo comportamental como no processo criativo, o indivíduo segue determinadas etapas que o conduzem ao resultado final. Cada etapa apresenta uma característica própria, com duração variável, seguindo normalmente uma sequência que num todo vão formar o processo criativo.

É importante considerar que cada indivíduo apresenta uma forma própria de desenvolver seu o processo criativo. O que leva um indivíduo a criar pode não motivar outro, da mesma forma. O tempo de elaboração de um resultado, de uma solução é diferente de uma pessoa para outra.

O processo criativo ocorre, quando algo chama a atenção do indivíduo, quando ele observa que precisa de uma resposta para um determinado problema, quando ele busca a solução para uma situação. A partir daí, ele começa a interessar-se pelo assunto e a buscar novos caminhos.

Contudo, sabe-se que o processo criativo depende de alguns fatores para que ele possa se desenvolver. Dentre estes fatores, destaca-se primeiramente as *necessidades*. Neste fator está de forma implícita a motivação do indivíduo para com o tema. É a necessidade que leva o indivíduo a buscar um resultado, é este estado de desequilíbrio, de insatisfação que conduz o sujeito a ação. Caso a resposta encontrada não seja satisfatória, não atenda as necessidades do sujeito, ele tende a buscar nova alternativa e assim reiniciar um outro processo.

Outro fator que influe no processo criativo é o *conhecimento*, nele estão depositadas todas as experiências do sujeito, todas as informações que ele adquiriu ao longo da sua vida, dando possibilidades ao sujeito de relacionar idéias, conhecimentos e experiências para formular novas idéias, novas soluções, novos comportamentos, enfim, novas criações.

Além do conhecimento, um outro fator faz parte do processo de criação, este fator é simbolizado pelas *habilidades*, que representam a facilidade, o jeito próprio de cada pessoa para gerenciar suas idéias.

Além destes, o processo criativo conta também com a participação dos *valores* de cada um. Uma idéia só é levada em consideração em função dos valores da própria pessoa que a elabora. Quando a solução encontrada é compatível com os valores pessoais, normalmente ela é posta em prática. Aqui pode-se fazer referência aos humanistas que defendem a idéia de que o comportamento do indivíduo deve estar de

acordo com seus valores, e por consequência, o processo de criação, seu resultado final, também deve manter uma concordância com os valores internos e externos de cada um.

Vale lembrar que as necessidades, o conhecimento, as habilidades e os valores do indivíduo se modificam com o tempo. Sendo assim, algo que num determinado momento parecia sem importância, pode em outro ser essencial ao indivíduo. Dentro desta perspectiva, considera-se a própria criação, pois em algum momento da vida criar poderia não representar nada, e em outro momento, este mesmo ato pode representar muito para o indivíduo.

O produto final do processo criativo, considerado como “algo novo”, inovador e/ou original (em relação a ele mesmo), além dos fatores citados acima, depende também do reconhecimento, do prestígio que cada um quer conseguir para si, em outras palavras, depende do grau de auto-estima do sujeito, da importância que ele dá a este ato para sua própria auto-realização.

Por outro lado, existem outras características pessoais que também influenciam na ocorrência deste processo. Certas características facilitam o desenvolvimento do processo enquanto outras dificultam, e mesmo bloqueiam o aparecimento de novas idéias, novas soluções.

Rogers traça uma relação das características psicológicas internas do indivíduo com a criatividade. Segundo ele, a criatividade aumenta quando o indivíduo é aberto à experiências, o que facilita a fase de apreensão e de preparação; outra, quando ele próprio faz avaliação do que é criativo para ele, sem depender dos outros, ou seja, ele têm um lugar interno de avaliação; e por fim, quando ele têm capacidade para lidar com elementos e conceitos, estas duas últimas características são essenciais nas etapas de incubação e iluminação.

Este mesmo autor fala de condições ambientais externas que favorecem a criatividade. Para ele, existem dois fatores externos que facilitam o aparecimento da criatividade. Primeiro, quando as experiências individuais aumentam a segurança psicológica, que pode ser representada de três maneiras: 1. aceitar o indivíduo como ele é; 2. manter um ambiente externo com clima favorável sem avaliação externa; 3. ter uma compreensão empática com o sujeito, aceitar seu próprio ponto de vista. O segundo, quando as experiências individuais aumentam a liberdade psicológica, o que significa ser livre para expressar sua personalidade, seus pensamentos e sentimentos, significa ter liberdade para explorar as possibilidades que se abrem para si próprio. Estas condições ambientais estão relacionadas no modelo do processo comportamental com as etapas do evento e da percepção.

Em síntese, pode-se dizer, que o processo criativo é complexo, formado por etapas bem caracterizadas de tempo variável de uma pessoa a outra. Sua ocorrência depende tanto de fatores externos como de fatores internos ao indivíduo. Este processo

sempre seguirá a mesma ordem de procedimentos, ou seja, iniciando com a fase de apreensão, fase de preparação, passando pelas fases de incubação e iluminação, e por fim, a fase de verificação.

Vale ressaltar que este trabalho preocupa-se mais em compreender o lado subjetivo da criatividade. Considerando por criativo o que na verdade é uma superação do próprio indivíduo, ou seja, são as novas combinações que a pessoa pode fazer dentro de seu próprio mundo. Tais combinações podem ser novas tanto para o sujeito que as cria como para seu ambiente, ou ainda serem novas apenas para ele mesmo, sendo de certa forma considerada criativa por sua própria pessoa, superando suas expectativas. O que é considerado criativo não é apenas a idéia mas sim a sua superação.

4.3. Fases do Processo

De acordo com o que foi visto até o momento, definir comportamento e criatividade não é algo muito simples. Portanto, para se entender um pouco mais a respeito de criatividade, é preciso ir mais além de suas definições, procurar compreender como acontece o processo de criação, que fatores fazem parte deste processo, o que leva o sujeito a criar, o que o motiva e o impulsiona para produção criativa.

Assim como para o comportamento, cada indivíduo apresenta uma forma própria de produzir idéias. Logo, o que impulsiona e motiva uma pessoa a gerar idéias depende de suas necessidades, habilidades e conhecimentos para lidar com o tema em questão. Está relacionado com sua história de vida, com seus valores e com sua própria personalidade. A motivação é inerente ao indivíduo e variável de uma pessoa à outra, podendo sofrer influências do meio externo.

Como já dito anteriormente, o processo criativo também apresenta diversas explicações. Ele é composto por fases que são de número variável dependendo do autor que as apresenta. Sendo assim, encontrou-se na literatura várias descrições deste processo e cada uma valorizando mais um aspecto que outro.

No presente estudo supõe-se que as mesmas etapas que explicam o processo comportamental são possíveis de explicar o processo criativo. Assim, considera-se neste trabalho que o processo criativo é composto por sete etapas iniciando com evento, seguido da percepção, estímulo, motivação, geração de alternativas, decisão e por fim a resposta.

Lembrando mais uma vez que cada etapa deste processo depende exclusivamente da pessoa, da sua personalidade, da forma como ela capta e percebe os eventos que lhes são apresentados. Revelando assim, que o processo criativo pode seguir uma sequência de comportamentos, mas o tempo do processo e de cada etapa formadora deste, depende da essência de cada ser humano.

4.4. Compreendendo o processo criativo a partir do modelo comportamental

Conforme dito anteriormente, a criatividade é uma forma de comportamento. Sendo assim, ~~buscou-se explicar~~ o processo criativo com os mesmos passos do processo comportamental utilizado para o estudo do comportamento dos empreendedores realizado por Longen (1997).

Neste estudo, o processo comportamental apresenta sete fases distintas, e ainda, uma fase isolada chamada de decisão reflexa. É a partir destas fases, que propõe-se uma compreensão do processo criativo. O quadro a seguir utiliza o modelo do processo comportamental com suas etapas para relacionar com o processo criativo.

Processo comportamental	Processo criativo
EVENTO- qualquer acontecimento interno ou externo que produz um estímulo.	Momento em que algo chama a atenção do sujeito.
PERCEPÇÃO - indivíduo organiza, interpreta, traduz as informações que vem através dos órgãos dos sentidos.	Sensibilizado o indivíduo percebe que pode dar resposta ao evento
ESTÍMULO - percepção de um evento como uma oportunidade para satisfazer uma necessidade. Algo que motiva o indivíduo.	O indivíduo percebe que a resposta que pode dar vai satisfazê-lo.

MOTIVAÇÃO - impulso fundamental que gera um comportamento.	Em função do grau de desafio das necessidades ele dispenderá mais ou menos energia na busca de solução.
GERAÇÃO DE ALTERNATIVAS - possíveis ações que permitem utilizar o evento para satisfazer suas necessidades.	Neste período o indivíduo analisa qual o meio, ou qual, as vias que vão lhe dar melhores soluções para satisfazer suas necessidades. O indivíduo criativo buscará soluções diferentes das que ele já aplicou em situações anteriores, tanto no método quanto na forma de resposta. Ele usa suas habilidades e o conhecimento para superar-se.
DECISÃO - momento em que o indivíduo deve escolher alguma das alternativas geradas na etapa anterior.	O indivíduo escolhe a alternativa que mais lhe satisfaz observando seus valores.
RESPOSTA - processo de execução da alternativa escolhida, é a manifestação do comportamento.	É a resposta ao evento que se manifesta pela superação em si. Pode aparecer através da concretização da sua obra, seja livro, pintura, poesia, idéia, enfim, a solução procurada.

Tabela nº 1: Modelo comportamental e Processo criativo

Decisão Reflexa - sabendo que na decisão reflexa o indivíduo responde de forma pronta, automatizada aos eventos que ele percebe, sem realizar todas as fases descritas no modelo, leva a considerar, que de certa forma não existe criatividade, processo de criação, quando o indivíduo utiliza este meio. Isto porque, é na fase de geração de alternativas, ou ainda, fase de iluminação em que se dá o aparecimento de novas idéias.

Para facilitar o entendimento desta correlação pode-se relacionar as etapas propostas no modelo com algumas das etapas mais frequentemente propostas na literatura sobre as etapas do processo criativo. As fases mais apresentadas para explicar o processo criativo são : apreensão, preparação, incubação, iluminação e verificação.

A figura a seguir ilustra a correlação do modelo comportamental com o processo criativo.

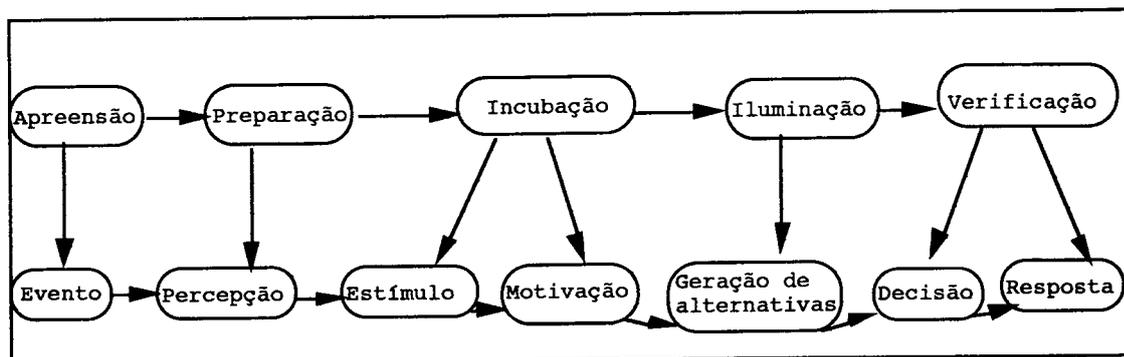


Figura nº 3: Correlação do modelo Comportamental com o processo criativo

- Fase de apreensão - momento em que o indivíduo percebe que existe um problema a ser resolvido. De acordo com o modelo comportamental, esta fase pode ser igualada ao primeiro momento do modelo em questão, ou seja, ao Evento, estágio em que qualquer acontecimento vai produzir um estímulo no indivíduo.

- Fase de preparação - fase de pesquisa, investigação, onde se procura obter informações sobre o assunto. No modelo pode ser associada ao momento de Percepção, onde o indivíduo capta o estímulo e procura conhecer melhor este.

- Fase de incubação - momento em que o sujeito pensa sobre o assunto. Pode ser comparado no modelo com os momentos de estímulo e motivação. Nestes períodos o sujeito recolhe dados sobre o que lhe chamou atenção, ele pensa, analisa em função das suas necessidades, adquirindo assim um grau de importância para sua solução.

- Fase de iluminação - período onde ocorre a solução para o problema, momento do “insight”. Relacionando com o modelo comportamental, corresponde a fase de geração de alternativas, onde o indivíduo produz várias alternativas para responder a sua necessidade.

- Fase de verificação - momento em que o sujeito faz sua opção e experimenta. No modelo esta fase corresponde a duas fases distintas: decisão, que envolve a escolha de uma alternativa; e resposta, que implica na execução da alternativa escolhida.

Com o objetivo de demonstrar na prática como ocorre esta sequência de comportamentos que formam o processo criativo e resultam na criação, citaremos uma situação que poderá exemplificar este processo.

Exemplo: A elaboração de um livro

Consideramos:

Evento - qualquer acontecimento que desperta no sujeito o desejo de escrever o livro em questão. Por exemplo, um escritor diante de uma paisagem.

Percepção - o evento é percebido através da visão, audição. O indivíduo que o percebe, interpreta de acordo com seus valores, com sua história de vida, com a necessidade que ele tem de mostrar para os outros o que viu e presenciou, através de um livro, um conto, um filme, uma poesia, uma canção, etc.

Estímulo - a situação ou as situações observada(s) gera(m) no indivíduo a necessidade de transmitir à outros e de colocar para fora o que o evento lhe causou. Ele tem uma necessidade de reconhecimento.

Motivação - o indivíduo reage a(s) situação(ções) vista(s), em função do grau das suas necessidades, dos seus sentimentos, dos seus valores e de suas habilidades. O indivíduo pode estar há muito tempo sem satisfazer suas necessidades, portanto, com um grau de carência elevado.

Geração de alternativas - por ser criativo, por exemplo, o indivíduo tem necessidade de auto-reconhecimento, ele imagina as possíveis maneiras de expressar o que sentiu ao presenciar o tal evento. Sua resposta pode ser uma poesia, a história de um livro, uma pintura, a letra de uma canção, uma propaganda, uma campanha publicitária, o lançamento de um produto para os olhos, um óculos, etc. Ele imagina como pode ser a estrutura, o enredo, o estilo, enfim o livro.

Decisão - aqui ele escolhe a forma como vai expressar seu sentimento dentro do que ele considera seu ideal de mundo.

Resposta - finalmente ele tem uma resposta concreta para o que lhe chamou a atenção. A sua obra.

Dessa forma, observamos que um simples evento pode gerar uma sequência de comportamentos, que por sua vez podem dar origem a algo novo, original. Principalmente, a solução encontrada, a resposta final, depende unicamente do observador. Cada indivíduo apresenta uma forma própria de perceber um dado evento e a partir deste sentir-se ou não motivado para produzir uma resposta.

Reforçando esta idéia temos o trabalho de Bezerra (1996) que realizou um estudo com o objetivo de entender o que antecede a solução formal de um produto. Para embasar esta análise ele centrou-se em um produto final - maçanetas. Com o tema escolhido procurou entender o que levava o sujeito a criar maçanetas com diferentes designers. Observou que o processo iniciava a partir da visualização de fotos de qualquer natureza sem um tema preciso.

Deste modo, pode-se dizer que o evento era a própria visualização de fotos; a percepção, tudo que o sujeito foi capaz de observar e o estímulo, a foto em si. A motivação seria representada pela necessidade do indivíduo de apresentar uma nova maçaneta, criar um outro estilo...; a geração de alternativas, corresponderia aos desenhos derivados deste evento; a decisão, por sua vez, seria a escolha de um desenho para de fato produzir a maçaneta, que seria a resposta, ou seja, o resultado final.

Observa-se, que o processo criativo obedece uma sequência de etapas que aparecem normalmente em todo processo de criação. Contudo, vale lembrar que cada fase dessa cadeia processual depende do ser que cria, do seu tipo de personalidade, dos seus interesses, dos seus valores, das suas necessidades, habilidades e conhecimentos, e portanto, dos bloqueios que cada um pode ter durante cada etapa do processo criativo.

O que ocorre no momento da criação é justamente essa sequência de fases, sendo diferenciada em termos de tempo, apreensão, insight, análise e percepção de um indivíduo à outro.

Logo, observa-se que para criar é preciso que o indivíduo apresente certas ^{comp} habilidades relacionadas com o que ele deseja de fato colocar a mostra. E ainda, estar dentro de um ambiente propício, capaz de estimular a produção criativa, oferecendo ferramentas para que o sujeito possa desenvolver suas idéias fazendo uso de suas habilidades, permitindo assim que ele possa realmente superar-se a si mesmo.

Como visto, a criatividade não aparece assim subitamente, ela necessita de tempo, de preparação, de intuição, de disponibilidade, de vontade, de coragem, de estímulo, de ambiente acolhedor e sobretudo de uma grande dose de auto-estima e de necessidade de auto-realização.

Criar é expressar o que se percebe intimamente. O que de fato toca no seu íntimo e faz ativar seu modo de ser.

Todas estas reflexões sugerem que para favorecer a criatividade e o seu uso é importante proporcionar ambientes e eventos que possam estimular o desenvolvimento desta habilidade, lembrando que para isto deve-se estimular o indivíduo para que ele mesmo sinta necessidade de auto-realização.

Desse modo, pode-se dizer que o modelo comportamental proposto por Longen (1997) é capaz de explicar o processo criativo. Visto que as habilidades, o conhecimento, os valores e as necessidades são fatores que influem na expressão do comportamento, ou seja, na resposta dada a um determinado evento. Logo, o objeto da criatividade (idéia, solução de um problema, elaboração de um novo produto, considerado o "algo novo" inovador ou original) também sofre influência dos mesmos fatores para se chegar ao resultado considerado criativo.

Capítulo 5: INDICAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE PROGRAMAS DE TREINAMENTO

5.1. Introdução

Com o estudo do comportamento, da criatividade e do processo criativo sentiu-se a necessidade de complementar este trabalho com algumas indicações para o treinamento de profissionais nas organizações visando estimular o comportamento criativo.

Observou-se neste estudo que a criatividade depende de fatores essenciais para que ela possa se manifestar. Fatores como conhecimento, necessidades, habilidades e valores estão presentes em qualquer processo criativo, podendo de certo modo estimular ou bloquear o desenvolvimento de novas idéias.

É claro, que em cada situação e dependendo da personalidade do indivíduo, estes fatores terão um peso maior ou não. Portanto, ao pensar em estimular a criatividade deve-se levar em conta tanto o ambiente como o modo de ser da pessoa. A criatividade só pode emergir em ambientes que facilitem seu desenvolvimento.

Sendo assim, este capítulo dedica-se a discutir sucintamente o que fazer para estimular a criatividade dando ênfase no ambiente e na personalidade da pessoa.

5.2. Como estimular a criatividade

Primeiramente, é importante que se tenha em mente o que influência a geração de idéias. Conforme dito anteriormente e apresentado no segundo capítulo, a expressão de um comportamento depende do conhecimento que a pessoa tem com relação ao assunto, das habilidades que ela apresenta em lidar com o problema em questão, da necessidade que ela sente em solucionar, em dar uma resposta ao que lhe foi apresentado

e finalmente, está relacionado com os valores que esta pessoa adquiriu ao longo de sua vida, o que para ela apresenta maior ou menor importância na sua escala de valores, explicando deste modo o que ela vai priorizar no momento de dar uma resposta ou encontrar uma solução. Sem dúvida a maneira como cada indivíduo vai desenvolver a resposta a um estímulo está intimamente relacionado com o seu modo de ser, com sua história, enfim com sua personalidade e com o ambiente que o rodeia.

Do mesmo modo, a expressão de uma idéia criativa, a elaboração de “algo novo” ou mesmo a solução para um problema, também sofrerá influências destes aspectos.

Pode-se dizer então, que a geração de novas idéias sofre influências dos quatro fatores (conhecimento, habilidades, necessidades e valores) e estes associados a personalidade do indivíduo e ao ambiente em que ele se encontra.

Logo, motivar a criatividade, estimular o desenvolvimento de novas idéias não é um processo tão simples como se pensa. Não basta apenas preparar exercícios destinados à encontrar a solução para um problema ou para realizar a produção de novos produtos. O que se necessita na verdade é de um envolvimento mais amplo, talvez mesmo um projeto de mudança de hábitos e comportamentos, uma reaprendizagem individual e organizacional para futuramente ter a certeza de que se esta realizando uma obra própria.

Ao falar em mudança, em reaprendizagem pretende-se ressaltar a importância efetiva do ser humano, sua participação integral e voluntária para que este quadro possa realmente ser modificado, para que se possa quebrar a rotina habitual. A criatividade passa com certeza por estes estágios, onde a segurança deve ser rompida para dar lugar a ousadia e a imaginação.

Sabendo que para se obter uma mudança, tanto individual quanto organizacional com relação a criatividade, é necessário que algo de concreto seja feito. E para tanto, deve-se agir diretamente sobre o ambiente e a personalidade do indivíduo.

Ora, mais uma vez depara-se com o que fazer para estimular esta criatividade. Certamente, não existirá uma fórmula pronta e mágica para que isto aconteça de imediato, visto que, a criatividade depende essencialmente do homem, e este por sua vez, vive das interações do seu ambiente. O que se pode fazer é procurar encontrar meios que dêem suporte para esta mudança.

Assim, quando uma organização pretende ser criativa ela deve proporcionar um ambiente que facilite este resultado, oferecendo meios para que seus funcionários sintam-se chamados a participar deste processo.

Neste caso, a organização deve oferecer uma estrutura administrativa mais descentralizada, mais aberta a comunicação tanto a nível individual como a nível administrativo e organizacional, deve reconhecer e fortalecer as qualidades de cada membro de sua equipe.

Uma organização destinada à estimular a criatividade deve considerar quatro elementos de sua estrutura que são primordiais na participação do processo de inovação, são eles:

- Estrutura - ou seja, a forma como a organização é constituída. Seu tamanho, sua especialização e sua forma de administrar.
- A pessoa - elemento humano da organização, participando com seus valores, seus objetivos e motivações, atuando em papéis diversos, exercendo liderança ou não sobre outros indivíduos da mesma organização.
- Informação - elemento altamente importante em qualquer mudança que se queira realizar dentro de uma organização. Para isto, os meios de comunicação devem estar sempre abertos ao diálogo para que se possa discutir a respeito de novas idéias, novas opiniões.
- Ambiente - pode também ser chamado de clima organizacional e engloba a postura da empresa em relação a criatividade, os relacionamentos, as responsabilidades, as recompensas, as diferenças, a estabilidade do emprego, etc.

Entretanto, é importante lembrar que as organizações são compostas por pessoas e deste modo, quando se quer uma organização criativa, certamente deve-se dar oportunidades ao ser humano de participar, de questionar, de fazer com que ele se sinta útil, de valorizar sua produção e valorizar sua pessoa e seus pensamentos e idéias. O que de certo modo, vai também influenciar na participação que este terá na organização.

Por outro lado, vale lembrar que tanto os projetos organizacionais como o desejo individual para se estimular e desenvolver a criatividade pode contar também com os inúmeros exercícios preparados para quebrar os bloqueios adquiridos pela pessoa durante sua formação. Tais exercícios vão fortalecer as atitudes e habilidades específicas de cada um.

Pode-se citar aqui alguns exemplos de exercícios destinados à estimular a criatividade. Os mais conhecidos são eles:

- Brainstorm ou tempestade de idéias - técnica que convida a cada participante comunicar a idéia que lhe vem a mente.
- Listagem de atributos - consiste em fazer a pessoa ver o problema sob outro ângulo, obrigando-a a fazer uso de novas combinações de idéias, a modificar alguns atributos de um problema.
- Situações improváveis - consiste em tentar solucionar situações que nunca imaginamos antes, procurando liberar nossas fantasias.
- Novos títulos ou legendas - imaginar outras conexões para o que se está vendo, tentar relacionar o que se vê com outras coisas.

- Realizar novas combinações - tentar combinar coisas que até então não foram imaginadas juntas.
- Melhora de objetos - consiste em listar o que pode ser acrescentado em um determinado objeto para que tenha mais ou melhor uso. O mesmo pode ser feito com relação à prestação de serviços.
- Sinética - técnica utilizada para tornar o estranho familiar (ver o problema de modo diferente), e o familiar, estranho (distorcer o que se tem costume de ver, mudar). Envolvendo neste processo analogias e metáforas.
- História criativa - iniciar uma história e dar continuidade a ela com o grupo.

Enfim, as técnicas que se destinam à desenvolver e estimular a criatividade são inúmeras. Elas se relacionam com a capacidade da empresa em oferecer “eventos” que possam transformar-se em estímulos. Vale ressaltar também, que apenas a realização dos exercícios não é suficiente, mas vê-se necessário toda uma mudança ambiental para que o indivíduo sintam-se realmente estimulado e seguro, podendo libertar-se de seus bloqueios e partir em busca da criatividade que existe dentro de si.

Para criar é preciso:

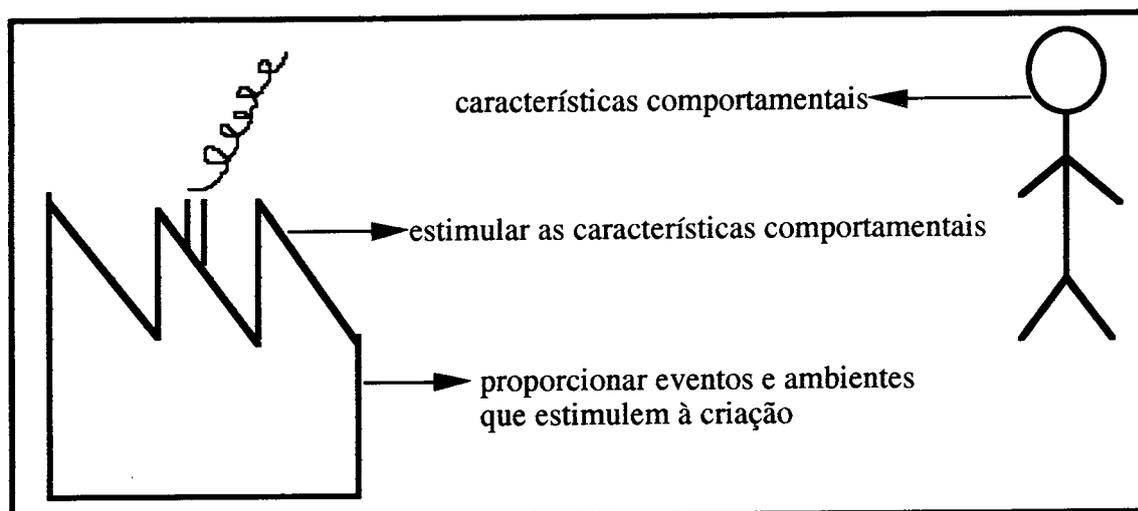


Figura nº 4 - Elementos que influenciam na criação

Como mostra a figura acima, observa-se que existe diferença entre a organização e o indivíduo para criação. Para se estimular o desenvolvimento da criatividade no indivíduo é importante trabalhar as características comportamentais que

estão relacionadas com os fatores determinantes do comportamento, ou seja, o conhecimento, as habilidades, os valores e as necessidades.

Da mesma forma, para se estimular a criatividade nas organizações é preciso proporcionar eventos e ambientes que favoreçam a criação e sobretudo, estimular as habilidades pessoais de cada membro da instituição. Lembrando, que cada organização possui uma “personalidade própria” apresentando também conhecimento, habilidades, valores e necessidades.

Logo, quando se pretende estimular a criatividade, tanto individual como organizacional, é preciso considerar o conhecimento, as habilidades, os valores e as necessidades de cada um para a elaboração de um programa destinado à desenvolver e estimular a criatividade.

Com base no que foi apresentado, o caminho a seguir para propor um treinamento visando desenvolver e despertar a criatividade dentro de uma organização, seguindo para tanto alguns passos que possam dar conta de trabalhar os aspectos relatados acima.

Com esta finalidade, tomou-se como base as fichas pedagógicas elaboradas por Tonelli (1997) para modificação de características da personalidade num programa destinado a capacitação de empreendedores. De acordo com a autora, uma ficha pedagógica deve conter os seguintes itens:

Ficha Pedagógica	
• Título	Onde é colocado o tema a ser desenvolvido na etapa específica do treinamento.
• Objetivo	Define o que se pretende alcançar com a etapa escolhida.
• Abordagem pedagógica	Relaciona-se com a prática pessoal de quem vai ministrar o treinamento.
• Métodos	Escolhido em função do que se deseja alcançar com o treinamento.
• Estratégias	É a forma de aplicação dos métodos disponíveis para se realizar o treinamento.
• Técnicas	Aplicação das técnicas existentes para se desenvolver o treinamento.
• Técnicas motivacionais	Técnicas utilizadas para despertar a motivação dos participantes.

Fonte: Tonelli, 1997 - Tabela 2: Ficha pedagógica

A ficha descrita acima, pode ser adaptada em função das características da personalidade que se pretende modificar para estimular o desenvolvimento da criatividade. Logo, pode-se realizar um programa de treinamento para criatividade utilizando-se deste material.

Para tanto, propõe-se uma exemplificação desta ficha para o treinamento de profissionais para criatividade.

Ficha pedagógica	
• Título	Desenho
• Objetivo	Aumentar a habilidade para o desenho
• Abordagem pedagógica	Pedagogia nova
• Métodos	Conceitual e Simulado
• Estratégias	Aprender a reconhecer suas habilidades para o desenho.
• Técnicas	Utilizar exercícios que possam estimular as habilidades de desenho. Vivências, dinâmicas,...
• Técnicas motivacionais	Utilização de técnicas que possam estimular a participação para o treinamento, procurando relacionar a habilidade com a criação.

Fonte Tonelli, 1997 - Tabela 3: Ficha pedagógica com proposta para treinamento de criatividade

Observa-se que num programa de treinamento, várias fichas seriam elaboradas, cada qual com um objetivo específico. Nota-se que tal material parece imprescindível para a elaboração de um programa de mudança de comportamento dentro de uma organização.

A ficha pedagógica apresentada parece dar conta de estruturar os conteúdos mais importantes a serem trabalhados num programa de treinamento, tornando-se prática sua utilização.

Logo, ao fazer indicações para treinamento de profissionais para criatividade, sugere-se que tal ficha seja adaptada para este evento, procurando desta forma melhor planejar as aulas a serem ministradas.

Lembrando que para realização e bom desempenho de um programa de treinamento é importante considerar o ambiente, ou seja, o ambiente organizacional, a empresa. E sobretudo, o comportamento dos próprios indivíduos, visto que, é a partir destes que qualquer mudança se inicia.

Capítulo 6: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1. Conclusões

Neste estudo sobre criatividade, enfocando o processo criativo, procurou-se mostrar que um resultado considerado inovador ou original segue os mesmos passos que a expressão de um comportamento, ou ainda, a resposta à uma solução de problemas.

Para tanto, procurou-se compreender o processo comportamental, ou apenas o que chama-se de comportamento, fazendo uma recapitulação das grandes correntes da história da psicologia que se propuseram à definir este termo. Em seguida, propor um modelo que pudesse explicar as etapas formadoras do processo comportamental. Definir e compreender criatividade com base em algumas escolas psicológicas. Analisar as etapas do processo criativo, procurando fazer uma correlação com as fases do processo comportamental. Por fim, expor como se pode estimular a criatividade.

As principais conclusões tiradas deste estudo são apresentadas a seguir:

- O comportamento é resultado de uma sequência de fases. Iniciando com um evento motivador, terminando com uma ação, um resultado, ou seja, com a expressão do comportamento em si.
- Todo comportamento é resultado de um processo que visa satisfazer uma necessidade do indivíduo num determinado momento.
- O comportamento expresso pelo indivíduo está sempre de acordo com a percepção que ele tem da realidade, do ambiente que o rodeia, com seus conhecimentos, suas habilidades, suas necessidades e seus valores.
- Criatividade é a capacidade que tem o indivíduo de relacionar seus conhecimentos e habilidades para satisfazer uma necessidade, pessoal ou não, utilizando para isto, combinações novas que possibilitem um resultado inovador no seu contexto.
- A criatividade, assim como o comportamento, pode ser estimulada.

- Criar é emitir um resultado inovador tanto para si mesmo como para seu ambiente. Para criar é preciso desenvolver suas habilidades, fortalecer as necessidades de auto-realização e facilitar a ocorrência de eventos e ambientes que estimulem a criatividade.

- O modelo utilizado para explicar o comportamento também pode explicar o processo criativo.

- Os dois processos sofrem influências do ambiente, da personalidade do indivíduo, dos seus valores, conhecimentos, habilidades e necessidades para que ele possa ser expresso.

- As organizações que desejam estimular a criatividade devem proporcionar um clima favorável para a modificação do comportamento.

- É possível elaborar um programa de treinamento para desenvolver a criatividade através do entendimento do processo comportamental e criativo.

Com a realização deste estudo pode-se concluir que a criatividade é mais uma ferramenta dos processos de inovação e originalidade, servindo para solucionar problemas ou mesmo descobrir novas oportunidades. Dessa forma, a criatividade pode ser considerada como um auxílio aos possíveis programas que venham a ser desenvolvidos dentro da organização. Entretanto, neste estudo não se discutiu a formação das características comportamentais que levam à criatividade. Da mesma forma, que também não se faz a diferença entre a criatividade interna e externa. Por outro lado, vale lembrar que o grande aporte da criatividade de forma individual está em superar-se a si mesmo.

Observa-se que os resultados obtidos com este estudo servem de modo geral a apresentar indicações para futuros trabalhos nesta área. Para tanto, algumas recomendações serão feitas a seguir.

6.2. Recomendações

Ao finalizar este estudo, observou-se as inúmeras possibilidades de pesquisa deste tema tão amplo que é a criatividade. Até o momento as preocupações que motivam o estudo da criatividade dividem seus enfoques em pessoa criativa, processo criativo e produto criativo. Contudo, para cada item citado muito ainda há para ser feito.

Ultimamente os estudos sobre criatividade têm-se voltado mais para o lado das organizações, visto que uma demanda emergente de resultados inovadores e originais nesta área têm sido grande. Da mesma forma, a procura pelas soluções de problemas também necessitam de criatividade.

Logo, os resultados do presente estudo sugerem algumas recomendações para eventuais trabalhos com criatividade:

- Primeiramente vê-se como importante, realizar pesquisas referentes aos três enfoques citados anteriormente, objetivando ampliar os conhecimentos desta temática.
- Elaborar um instrumento destinado ao desenvolvimento da criatividade nas empresas utilizando-se dos referenciais do modelo comportamental.
- Utilizar-se do presente estudo para elaborar programas de treinamento de profissionais para criatividade.
- Realizar estudos comparativos do processo criativo com o processo comportamental com enfoque em outros modelos.
- Estudar o processo criativo dentro das organizações.
- Realizar estudos sobre o processo criativo enfocando a personalidade e o ambiente.
- Ampliar o estudo do comportamento e do processo criativo auxiliando-se de diferentes disciplinas.
- Realizar estudos destinados à fazer diferença entre criatividade externa e interna.
- Elaborar novas ferramentas para o desenvolvimento da criatividade.
- Realizar estudos sobre a formação das características.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E.M.S. de - **Criatividade**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993

_____. Desenvolvendo a criatividade nas organizações: o desafio da inovação,
Revista de Administração de Empresas, SP, V.35, nº 6, p.6-11,
Nov./Dez.1995.

BASADUR, M. - **What is simplex?** in: <http://www.BasadurSimplex.com/whatis.htm>
-Center for Research in Applied Creativity, 04/05/1997

BEZERRA, C. D. - **Evolução interativa e a aplicação de algoritmos genéticos no design de produtos**. Dissertação de Mestrado em Engenharia da Produção e Sistemas, PPGEP, UFSC, 1996.

BOOTH, V. - **The Creativity Test - Arts & Activities**, V.120, Nº 1, Sep.
1996, p.22, 3 pages. Publishers Development corporation - 25/08/1996

BUSTOS, D.M. - **Novos rumos em psicodrama**. SP: Ed. Ática, 1992

CAMPOS, D.M.S. - **Criatividade**. RJ: Sprint, 1987

CSILLAG, J.M. - **Análise do valor: metodologia do valor**. 3ªed.,SP: Atlas, 1991.

CHIAVENATO, I. - **Recursos Humanos na Empresa**. SP: Atlas, Vol. 1, 2ª ed.,1991

DAVIDOFF, L. L. - **Introdução à Psicologia**. SP: McGraw-Hill do Brasil, 1983

DE BONO, E. - **O pensamento lateral na administração**. SP: Saraiva,
1994, cap.15 e 16

_____. - **Criatividade levada à sério: como gerar idéias produtivas através do pensamento lateral**. SP: Pioneira, 1994.

- DORIN, E. - **Dicionário de Psicologia**. 2ª edição, SP: Edições Melhoramentos, 1978.
- FADIMAN, J. e FRAGER, R. - **Teorias da Personalidade**. SP: Harbra, 1986
- FERREIRA, A.B. DE H. - **Dicionário da língua portuguesa**. RJ: Nova Fronteira, 1993.
- FIORINI, H.J. - "Criatividade: dinamismos formadores de um sistema no psiquismo humano". In **Estruturas e abordagens em psicoterapias**. RJ: Ed. Francisco Alves, 1986, p.136-176.
- FURTADO, C. - **Criatividade e dependência na civilização industrial**. RJ: Ed. Paz e Terra, 1978, cap. 5, p.81-91
- GONÇALVES, C.S. - **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno**. SP: Ágora, 1988
- GLOR, E. - **Qu'est-ce que l'innovation dans la fonction public?**, <http://www.tbs-sct.gc.ca/tb/iqe/IJ/ARTICLES/inovdeff.html> - 04/05/1997
- GUIMARÃES, M. M. - **Criatividade na concepção do produto - Dissertação de Mestrado em Engenharia da Produção e Sistemas, PPGE, UFSC, 1995**
- HESKETH, J.L. - **Criatividade para administradores**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- JAOUI, H. **La Créativité mode d'emploi**. PARIS: ESF, 1990.
- KNELLER, G.F. - **Arte e ciência da criatividade**. SP: IBRASA, 5ªed., 1978.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. - **Vocabulaire de la Psychanalyse**. 10ª ed., Paris: PUF, 1990
- LEZANA, A.G.R., LONGEN, M.T., TONELLI, A. - **O Processo Comportamental associado à criação de empresas de pequena dimensão**, PPGE, UFSC, 1996.
- LONGEN, M.T. - "Um modelo comportamental para o estudo do perfil do empreendedor", Dissertação PPGE-UFSC, 1997.

LYONNAIS, D. , HOULE-RUTHERFORD, D. “**Une formule pour l’innovation dans le gouvernement**” in <http://www.tbs-sct.gc.ca/tb/iqe/LJ/ARTICLES/inovgovf.html>, 04/05/1997.

MALTZMAN, I. - On the training of originality. **Psychological Review**, 67(4), 229-242. In: <http://www.lincoln.ac.nz/educ/tip/44.htm>, 04/05/1997.

MARTINEZ BOUQUET, C. - “O processo da criatividade e seus bloqueios”. In: CREMA, R.(Org.) e BRANDÃO, D. **Visão Holística em Psicologia e educação**, SP: Ed. Summus., 1991.

MARX, M.H. e HILLIX, W.A. - **Sistemas e Teorias em Psicologia**. 10ª ed., SP: Cultrix, 1995

MASLOW, A. - **In Toward a Psychology of Being** - 1968

MASON, J.G. - **O dirigente criativo: criatividade aplicada à direção de empresas**. 2ª ed., SP: IBRASA, 1974.

MELLINGER, B. - **Progress in Creativity Research** - <http://www.azstarnet.com/~novel11/cd4.html> - 20/03/1997

MIRSHAWKA, V. - **Qualidade da Criatividade: a vez do Brasil**. SP: Makron Books, 1992.

MORENO, J.L. - **Psychothérapie de groupe et psychodrame**. 2ªed, Paris: PUF, 1987

NACHMANOVITCH, S. - **Ser Criativo - o poder da improvisação na vida e na arte**. SP: Summus, 1993

NYSTRÖM, H. - **Creativity and innovation**. Salisbury, GB: Jonh Willey & Sons Ltd., 1979.

OECH, R. V. - **Um ‘toc’ na cuca - técnicas para quem quer ter mais criatividade na vida**. SP: Ed. Cultura, 1995

- OSTROYER, F. - **Criatividade e Processos de Criação**. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 1987.
- PERLS, F.- **A Abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. 2ª ed., RJ: Guanabara Koogan, 1988.
- PIÉRON, H. - **Dicionário de Psicologia**. 10ª ed., Porto Alegre: Editora Globo, 1996
- PIKE, L. B. - Creativity in young Children. University of Missouri-Columbia. In **Human Environmental Sciences publication GH6041** - Reviewed October 15, 1996. [<http://etcs.ext.missouri.edu/publications/xplor>]
- PINTO, J. A. do N. - **Abordagem do ato de criatividade serendípica segundo características próprias de comportamento do indivíduo**, Tese de doutorado em Engenharia da Produção e Sistemas, PPGEP, UFSC, 1996.
- PREDEBON, J. - **Criatividade: abrindo o lado inovador da mente: um caminho para o exercício prático dessa potencialidade, esquecida ou reprimida quando deixamos de ser crianças**. São Paulo: Atlas, 1997
- RAFFAELLI, R. - "Psicanálise e arte: a cruz da sublimação". In **Estudos de Psicologia**, 1996, Vol.13, nº1, 11-18
- RAUDSEPP, E. - **A arte de apresentar idéias novas**. RJ: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1986, cap. 7 e 8 pág. 81-109.
- REUCHLIN, M. - **Psychologie**. 7ème édition, Paris: PUF, 1988
- ROGERS, C. R. - **Tornar-se pessoa**. 4ª ed., SP: Martins Fontes, 1991
- _____, - **Terapia centrada no cliente**. SP: Martins Fontes, 1992.
- ROOT-BERNSTEIN, R. , SILLER, T., et al - "Strategies for developing and nurturing students' abilities; and creativity". **Roeper Rewied**. V.13, Nº 2, Jan. 1991, p.74, 2 pages. - Rooper City and Country School - 25/11/96

SANTOS, L.M. dos e GIGLIO, Z.G. - "Psicodinâmica da Criatividade". In **Estudos de Psicologia**, nº 01 jan./jul. 1989, p.135-147. Instituto de Psicologia PUCCAMP.

SKINNER, B.F. - **Ciência e Comportamento Humano**. 2ª ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília - FUNBEC, 1970.

_____, - **Questões recentes na análise comportamental**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

TONELLI, A. - **Elaboração de uma metodologia aplicada ao estudo das características comportamentais dos empreendedores**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 1997, 147 págs.

TORRANCE, E.P. - **Criatividade: Medidas, testes e avaliações**. SP: IBRASA, 1976.

UDWADIA, F. E. - **Creativity and Innovation in Organizations: two models and managerial implications**. Technological Forecasting and Social change, V. 38, Nº1, p. 65-80, Aug.1990, North-Holland, NY.

VALENTI, G. D. e DA SILVA, R. S. - "Trabalho Criativo e Ética: o início da nova história" - **Revista de Administração de Empresas**. SP, V.35, Nº 1, p.22-29, Jan./Fev.1995.

VON FANGE, E. - **Criatividade Profissional**. SP: IBRASA, 1971

WECHSLER, S.M. - **Criatividade: descobrindo e encorajando**. Campinas, SP: Ed.Psy, 1993.

YOUNG, J.G. - "What Is Creativity ?" - In **The Journal of Creative Behavior**. vol.19, Number 2, 1985, 77-87.

_____, Mr Creativity. - **Economist**, V. 340, Nº 7979, Aug.17, 1996, p.55, 1 pages, Economist Newspaper, NA, Inc.